

PUCRS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
JORNALISMO

LORENZO MACIEL RIVERO

**FÓRMULA-1 NA TV: UMA ANÁLISE DO PRÉ E DO PÓS TRANSMISSÃO NA COBERTURA
DAS TVS GLOBO E BAND**

Porto Alegre
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

LORENZO MACIEL RIVERO

**FÓRMULA-1 NA TV: UMA ANÁLISE DO PRÉ E DO PÓS TRANSMISSÃO NA
COBERTURA DAS TVS GLOBO E BAND**

Monografia apresentada ao Curso de
Jornalismo da Escola de Comunicação,
Artes e Design da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do
Sul (PUCRS).

Orientador: Prof. Dr. Fábio Canatta

PORTO ALEGRE, RS

2023

LORENZO MACIEL RIVERO

**FÓRMULA-1 NA TV: UMA ANÁLISE DO PRÉ E DO PÓS TRANSMISSÃO NA
COBERTURA DAS TVS GLOBO E BAND**

Monografia apresentada ao Curso de
Jornalismo da Escola de Comunicação,
Artes e Design da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do
Sul (PUCRS).

Orientador: Prof. Dr. Fábio Canatta

Aprovado em: 29 de outubro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fabio Canatta de Souza – PUCRS

Prof. Me. Andrei dos Santos Rossetto – PUCRS

Profa. Dra. Cristiane Finger Costa - PUCRS

Dedico esta monografia a toda a minha família, que esteve presente em todos os momentos, oferecendo apoio, carinho e paciência. Ao meu pai, que já não está mais presente em vida, mas foi peça fundamental para a conclusão deste trabalho. À minha namorada por entender a minha ausência. Aos meus amigos, pelo apoio e torcida pelo meu sucesso.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer ao meu avô, uma das pessoas mais especiais da minha vida. Sem ele, nenhum dos meus sonhos teria se tornado realidade. Ele esteve sempre presente da melhor forma possível, garantindo que nada me faltasse. Junto a ele, está a minha avó, que colabora incansavelmente, jamais deixando de lado a proteção ao seu neto.

Gostaria de expressar meu profundo agradecimento à minha mãe, responsável por ser frequentemente o ombro amigo nos momentos mais desafiadores que uma graduação apresenta ao estudante. Além disso, agradeço por nunca ter permitido que eu desistisse do meu maior sonho: tornar-me jornalista. Ao Osmar, um padrasto incrível e figura paterna, meu sincero agradecimento.

Ao meu pai, a pessoa que sempre fez de tudo para que eu me tornasse um jornalista. Aos 14 anos, levou-me à TV Bandeirantes do Rio Grande do Sul para assistir ao programa 'Os Donos da Bola RS'. Infelizmente, pelo destino, ele encerrou sua participação na minha vida no último ano da graduação, deixando uma lacuna em aberto em meu coração. Se estou nesta profissão, é muito por causa dele. Pai, onde quer que esteja, meu muito obrigado; saiba que estou sempre fazendo por ti.

À minha namorada, que em todos os momentos da monografia esteve presente, sem se importar com o tempo de ausência. Por entender, me apoiar e se tornar uma pessoa incrível, segurando as pontas dentro de casa e fazendo muito mais do que um dia eu poderia imaginar merecer. A ela, apenas um obrigado. e dizer que sem ela, neste momento, não seria possível levar o trabalho de conclusão de curso com tanta leveza.

Ao meu trio de faculdade, impossível não citar nos agradecimentos da monografia. Maria Eduarda Brito, a “Madu”, e Luiza Rech, a “Lu”, duas pessoas extremamente fundamentais para todo o período de graduação. A “Madu” quebrou a ideia de que na faculdade só há colegas e concorrentes, transformando nossa convivência em uma verdadeira amizade. Além de sua presença constante na PUCRS, essa amizade se estendeu para dentro de nossas casas e famílias. A “Lu”, desde a época de pandemia de coronavírus, já se fazia presente nas aulas de “Jornalismo de Imagem”, além da grande reportagem de “Jornalismo Investigativo”.

Só tenho a agradecer pela parceria, cumplicidade, paciência e carinho em todos os momentos.

E os professores da Famecos, em especial o meu orientador, Fabio Canatta, merecem destaque. Ele é um dos maiores e melhores professores de jornalismo. Sem ele, seria impossível concluir esta monografia. Seus conselhos e sua forma carinhosa e única de tratar todos os seus alunos encantam. Canatta ensinou que nossa profissão pode ser linda, auxiliar aqueles que precisam e ainda incorporar pitadas de entretenimento. Sem a presença desse professor, a graduação não teria o mesmo significado. Obrigado.

RESUMO

A presente monografia consiste em uma análise do conteúdo pré e pós-cobertura do Grande Prêmio de Interlagos de Fórmula 1. Ao longo da pesquisa, será apresentada a história da competição automobilística, seus principais pilotos e a participação dos brasileiros na categoria. Além disso, serão abordados o início desse esporte na televisão mundial e no Brasil. A pesquisa também inclui uma análise do surgimento do jornalismo esportivo, seus primeiros passos, tanto nos jornais quanto na televisão. Será feito um resgate, inclusive, das primeiras emissoras que surgiram no território brasileiro e sua importância para o contexto da Fórmula 1 nos dias de hoje. Ainda, será discutido como surgiu o interesse das emissoras brasileiras na maior categoria de automobilismo mundial, desde as primeiras transmissões até a transição da categoria da TV Globo para a TV Bandeirantes. A análise do pré e pós-cobertura das corridas do GP de Interlagos de 2019, na Globo e 2021, na Band será feita e apresentada a partir de vídeos disponíveis no YouTube e Facebook. A partir disso, serão feitas observações sobre questões de tempo, equipe de transmissão, emissoras e sua programação, além da presença da interatividade. A conclusão a que o autor da pesquisa chegou é que a cobertura da Bandeirantes é mais aprofundada do que a da Globo.

Palavras-chave: Cobertura Esportiva. Jornalismo Esportivo. Fórmula 1. Automobilismo. Bandeirantes. Globo. Telejornalismo.

ABSTRACT

The monograph consists of an analysis of the pre and post-coverage content of the Interlagos Grand Prix of Formula 1. Throughout the research, the history of the motor racing competition, its main drivers, and the participation of Brazilians in the category will be presented. Additionally, the early stages of this sport on global and Brazilian television will be addressed. The research also includes an analysis of the emergence of sports journalism, its early steps in both newspapers and television. A rescue will be conducted, including the first broadcasters that emerged in Brazilian territory and their importance to the context of Formula 1 in today's world. Moreover, the research will discuss how the interest of Brazilian broadcasters in the premier category of world motorsport originated, from the early broadcasts to the transition of the category from TV Globo to TV Bandeirantes. The analysis of the pre and post-coverage of the Interlagos GP races in 2019 on Globo and 2021 on Band will be conducted and presented based on vídeos available on YouTube and Facebook. Subsequently, observations will be made regarding issues of time, broadcast team, broadcasters, and their programming, in addition to the presence of interactivity. The conclusion reached by the research author is that the Bandeirantes coverage is more comprehensive than that of Globo.

Keywords: Sports Coverage. Sports Journalism. Formula 1. Motorsport. Bandeirantes. Globo. Broadcast Journalism.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Jornal da Band ressaltando os 54 anos da emissora e o slogan ‘Canal do Esporte’ criado pelo jornalista e narrador Luciano do Valle.....46
- Figura 2** – Band anunciando a Fórmula 1 no Brasil Urgente.....47
- Figura 3** – Uma reportagem exibida sobre a torcida da Fórmula 1 no Jornal Nacional.....48
- Figura 4** – Tabela com os tempos de pré cobertura antes das corridas entre as duas emissoras.....51
- Figura 5** - Tabela com os tempos de pós cobertura depois das corridas entre as duas emissoras.....51
- Figura 6** - Tabela com o tempo total da cobertura do GP de Interlagos.....52
- Figura 7** - A imagem da reportagem que a TV Globo fez em homenagem a Ayrton Senna.....53
- Figura 8** - A imagem da reportagem da TV Bandeirantes sobre Senna.....53
- Figura 9** - Presença da reportagem da TV Globo durante a pré transmissão do evento já dentro da pista de Interlagos.....54
- Figura 10** - Participação da reportagem da TV Bandeirantes no pré-evento em uma estação de ônibus e de trem em São Paulo.....55
- Figura 11** - O segundo repórter traz os bastidores do pós-evento na TV Globo.....55
- Figura 12** - A última participação da reportagem da cobertura da TV Bandeirantes...56
- Figura 13** - A equipe de transmissão da TV Bandeirantes para a transmissão do GP de Interlagos em 2021.....57
- Figura 14** - Equipe de pré e pós da TV Globo para GP de Interlagos de 2019.....58
- Figura 15** - A presença da hashtag chamando o público para a interatividade.....60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 FÓRMULA 1.....	14
2.1 GRANDES NOMES DA F1.....	17
2.2 PILOTOS BRASILEIROS.....	20
2.3 FÓRMULA 1 NA TV BRASILEIRA.....	21
2.4 AUDIÊNCIA.....	25
3 JORNALISMO ESPORTIVO.....	26
3.1 JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL.....	29
3.2 JORNALISMO ESPORTIVO NA TV BRASILEIRA.....	32
3.3 INFOTENIMENTO.....	34
4 ANÁLISE DO PRÉ E PÓS NO GP DE INTERLAGOS ENTRE BAND E GLOBO.....	41
4.1 OBJETO.....	41
4.2 METODOLOGIA.....	43
4.3 EMISSORAS E SUA PROGRAMAÇÃO.....	46
4.4 ANÁLISE.....	50
4.4.1 Tempo.....	51
4.4.2 Reportagem.....	53
4.4.3 Equipe de Transmissão.....	57
4.4.4 Interatividade.....	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	65

1 INTRODUÇÃO

A monografia apresentada aborda como problema de pesquisa os principais pontos de diferença entre os conteúdos veiculados antes e depois do Grande Prêmio de Interlagos, em São Paulo, pela TV Globo em 2019 e pela TV Bandeirantes em 2021. Além disso, tem como objetivo realizar uma análise comparativa das duas coberturas, destacando suas semelhanças e diferenças no contexto da Fórmula 1.

No segundo capítulo desta monografia, o autor da pesquisa apresenta a história da competição, abrangendo desde o seu início e a origem de seu nome até os maiores pilotos mundiais e brasileiros. Além disso, o tópico aborda as principais regras que, até o momento desta pesquisa, ainda estão vigentes na F1. O capítulo também explora o surgimento do automobilismo no mundo e sua chegada ao Brasil. A primeira seção resgata alguns eventos marcantes que permanecem na memória dos torcedores do torneio. Em seguida, é apresentada a chegada da Fórmula 1 na televisão brasileira, lembrando seus primeiros momentos na tela dos fãs, marcando o início da história que é conhecida até hoje por todos os que acompanham. Por fim, é abordada a audiência da categoria a nível mundial e a audiência televisiva no Brasil. Neste capítulo, são utilizados alguns autores específicos dos assuntos, destacando-se: Orlando Duarte (2019), Lemyr Martins (1999), Thiago Peruch (2022), Alberto Leo (2017), Sergio Milani (2022), entre outros.

No terceiro capítulo, o autor da pesquisa aborda o jornalismo esportivo, desde seus primórdios até os dias atuais, apresentando como esse tipo de comunicação se faz presente, direta ou indiretamente, no dia a dia de qualquer pessoa. Além disso, destaca-se que, antes de tudo, o jornalismo esportivo é, em essência, jornalismo, e evidencia que, antigamente, em algumas redações, não ocupava o mesmo espaço de outras editorias, como política, geral e economia. Nesse contexto, é apresentada a linguagem utilizada no jornalismo esportivo, caracterizada por sua informalidade e facilidade de compreensão, considerando as muitas regras e o fato de nem todo o público ter conhecimento especializado. No capítulo, é abordado o início da cobertura esportiva global e no Brasil, apresentando os primeiros jornais dedicados exclusivamente à cobertura esportiva. Em seguida, é resgatado o início do jornalismo esportivo no Brasil, onde começou e em quais mídias foram as primeiras matérias, crônicas e coberturas, destacando o remo como principal esporte e,

posteriormente, a ascensão do futebol como destaque principal. No mesmo contexto, destaca-se um dos principais recursos da cobertura esportiva: o improviso. O jornalismo esportivo permite ao profissional empregar esse recurso de maneira apropriada, tornando os conteúdos mais acessíveis ao seu público. A expansão do jornalismo esportivo no Brasil também é abordada, incluindo as primeiras transmissões, a transição do preto e branco para a colorida, e o surgimento das primeiras emissoras, que são conhecidas até o momento desta pesquisa. Na última seção, o autor da pesquisa traz uma abordagem sobre Infotainment, um dos assuntos mais discutidos entre pesquisadores de comunicação. Este capítulo foi construído a partir de diversos autores, destacando-se Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2006), Nathália Ely da Silveira (2009), Paul Aron (2021), Paulo Vinícius Coelho (2003), Alberto Leo (2017), Fabia Angelica Dejavitte (2008), Mariana Oselame (2012), entre outros.

No quarto capítulo, o autor aborda a questão central da pesquisa: a análise do pré e pós nas emissoras de TV Globo e Bandeirantes. É importante destacar que a comparação entre as emissoras não se baseou na transmissão da corrida, uma vez que estas são muito semelhantes, tendo em vista que as imagens não são geradas pelas emissoras detentoras dos direitos, mas sim pela própria competição. Além disso, uma cláusula contratual proíbe a divulgação das imagens dos Grandes Prêmios do ano de 2019 na emissora carioca e de 2021 na emissora paulista. Os pontos abordados dentro deste capítulo incluem a apresentação do objeto analisado, a metodologia utilizada para a conclusão da pesquisa e a análise do conteúdo. Na última seção, também é abordada a linha editorial de cada empresa de comunicação, a duração de cada cobertura, o formato das entrevistas, a equipe responsável pela transmissão e a interatividade. Além disso, para respaldar as informações apresentadas pelo autor, a monografia conta com algumas imagens, proporcionando uma representação prática do que é discutido ao longo das seções.

No último capítulo, após a exploração dos conteúdos teóricos e da análise realizada, o autor expõe os resultados sob sua perspectiva, destacando a cobertura do Grupo Bandeirantes como superior em relação à Rede Globo. Essa avaliação é feita considerando diversos aspectos, como conteúdo, estratégia, profissionais envolvidos, tempo de transmissão, espaço concedido ao público, entre outros. Na

conclusão, o autor destaca que o espaço dedicado à Fórmula 1 na Band é equivalente ao espaço que a Globo reserva para o futebol brasileiro.

2 FÓRMULA 1

No primeiro capítulo teórico desta pesquisa será apresentado um resgate histórico da Fórmula 1 (F1), abordando seus principais eventos desde seus primórdios até os dias atuais. Além disso, o texto discutirá os principais protagonistas da competição, com ênfase especial nos pilotos brasileiros. Neste capítulo, o pesquisador também introduzirá o tema do telejornalismo, explorando a entrada da Fórmula 1 na televisão e analisando sua audiência.

No ano da temporada de 2023, uma das principais categorias do automobilismo completou a sua septuagésima quarta temporada. Mundialmente, um carro da marca *Peugeot* foi o primeiro a ganhar uma prova da categoria automobilística (Duarte, 2019). A primeira corrida aconteceu em 23 de junho de 1894, na França, e, na ocasião, participaram 21 competidores, tendo o vencedor feito o percurso em um tempo de seis horas. Na época, os veículos ainda não apresentavam preparação técnica e específica para as competições, sendo, portanto, considerados como improvisados. De acordo com Duarte (2019), o Automóvel Clube da França foi responsável pela primeira corrida “*Paris-Lyon*”, com automotores fabricados especialmente para uma corrida. Seis anos mais tarde, foi realizado o Primeiro Grande Prêmio (GP) da França, tornando-se, à época, uma das provas mais tradicionais de automobilismo.

Inicialmente as provas eram realizadas em ruas de grandes cidades, muitas vezes se estendendo de um município a outro. Após isso, a competição automotiva começou a ser disputada dentro de pistas de corridas de cavalos, uma vez que esses locais eram fechados. O primeiro circuito, no entanto, surgiu apenas em 1907, na Inglaterra e, em 15 de setembro de 1909, os Estados Unidos criaram o autódromo de Indianápolis.

Em Indianápolis, surge o primeiro carro com espelho retrovisor, do vencedor Roi Harroun. O autódromo de Indianápolis ficou famoso pelas 500 milhas, que até hoje são disputadas ali e que tiveram a sua primeira prova em 30 de maio de 1911. O brasileiro Emerson Fittipaldi venceu a prova em 1989 e 1993. (Duarte, 2019, n.p)

A competição que ficou conhecida como Fórmula 1 teve seu início em 1950, a partir das reuniões dos Grandes Prêmios realizados na Europa no início do Século

XX. Em suas primeiras temporadas, as corridas eram realizadas apenas em seis datas e somente na Europa, compreendendo o Reino Unido, Mônaco, Suíça, Bélgica, França e Itália. Além dessas, incluía-se o resultado da prova de Indianápolis, ainda que não fosse considerada um Grande Prêmio. Com o passar do tempo e o aumento do seu prestígio, a corrida de Indianápolis tornou-se uma das provas mais tradicionais do automobilismo.

A Federação Internacional de Automobilismo (FIA) criou o primeiro Campeonato Mundial de Pilotos, instituindo a Fórmula 1. A Alfa Romeo estreou imbatível, dominando a temporada com Giuseppe Nino Farina e Juan Manuel Fangio. Eles venceram todas as seis corridas europeias (três cada um), escapando por pouco do acidentado GP de Mônaco, onde nove carros abandonaram a prova na primeira volta depois de um múltiplo acidente na curva Bureau de Tabac (Martins, 1981, p. 4).

Os primeiros registros de corridas automobilísticas no Brasil datam do ano de 1908, com dois eventos realizados no Rio de Janeiro e em São Paulo (Duarte, 2019). Na cidade carioca, o evento enfrentou proibição policial, uma vez que os pilotos expressaram o desejo de realizar a corrida muito próximo do mar, podendo atingir a velocidade máxima de 70 km/h. As autoridades responsáveis não permitiram a realização nessas condições, devido ao risco de acidentes. Com isso, a prova foi transferida para Tribobó, um bairro da cidade de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro.

Segundo Duarte (2019), o torcedor brasileiro pode se orgulhar de Emerson Fittipaldi ter ganhado todas as modalidades do automobilismo. Ele “venceu as 500 milhas de Indianápolis, da Indy, o Mundial de Marcas, a Fórmula 1, a Fórmula 3000, e assim por diante” (Duarte, 2019).

O nome escolhido para a categoria, Fórmula 1, surgiu com o propósito de estabelecer diretrizes sobre como as equipes deveriam montar os seus veículos para a competição. Isso visava garantir um padrão entre as montadoras, assegurando a conformidade com critérios pré-estabelecidos, como tipo de motor, cilindros e tamanho do veículo que estaria nas pistas para a competição (Blog Porto Seguro). As regras criadas para essa categoria automobilística tinham como intuito manter uma competição mais equilibrada, permitindo aos engenheiros responsáveis pela construção dos veículos a liberdade para focar exclusivamente na construção dos carros, sem se preocupar com outras questões.

A categoria tem algumas normas fundamentais que foram estabelecidas desde o início da competição e permanecem inalteradas. Conforme relatado no livro “Os Arquivos da Fórmula 1” de Lemyr Martins (1981), existem 17 regras fundamentais criadas pela competição. Um exemplo dessas regras refere-se à distância das corridas, sendo estabelecido pela F1 um máximo permitido de 305 quilômetros. Já em condições de chuva, o tempo máximo permitido para permanência nas pistas é de duas horas. Além disso, de acordo com Martins (1981), o *grid* de largada está limitado a 26 carros e os treinos podem ser realizados apenas duas vezes na semana: na sexta-feira e no sábado que antecedem o dia da corrida. No sábado, também são realizadas as classificações, com tempo para definir o *grid*.

Uma das etapas mais importantes em uma corrida de Fórmula 1 é o aquecimento dos carros e dos pneus antes do início do Grande Prêmio. Trinta minutos antes de cada corrida, os veículos são conduzidos à pista para o último *check-up* mecânico. Esse é um momento crítico, pois o piloto decide se competirá com o automóvel titular ou com o reserva. A volta de apresentação também é um momento crucial na pista, onde os motores são efetivamente ligados e testados. Logo após, ocorre o momento principal, a largada.

O *pit-stop*, um dos momentos mais desafiadores na Fórmula 1, deve ocorrer pelo menos uma vez durante o Grande Prêmio. Em determinado período, essa prática não era obrigatória pelas regras; inclusive, houve casos em que pilotos venceram corridas sem realizar uma parada técnica, tendo Ayrton Senna alcançado esse feito na corrida de Detroit.

Durante alguns nervosos segundos, a sorte do piloto está nas mãos de seus mecânicos. Um time treinado para não errar. São 18 técnicos com funções específicas e definidas que tentam se superar, ganhando os milésimos de segundo que poderão levar o seu piloto à vitória (Martins, 1981, p. 24).

Uma das últimas regras da Fórmula 1 está relacionada à pontuação na competição. Quando as normas foram criadas, o primeiro colocado recebia 10 pontos. Contudo, a partir da temporada de 2010, o vencedor da corrida acumula 25 pontos, e todos os nove pilotos subsequentes também pontuam. A partir da temporada de 2019, o competidor que realiza a volta mais rápida da corrida recebe um ponto extra na tabela de classificação. O competidor que acumular mais pontos ao final da temporada se torna campeão mundial da categoria. Adicionalmente, cada

equipe da F1 pode ter dois representantes e seis carros, distribuídos em três automóveis para cada piloto. Além da tabela de classificação individual, existe também a competição entre as marcas, na qual a montadora que acumula mais pontos vence o campeonato entre equipes.

2.1 GRANDES NOMES DA F1

A primeira prova da história das competições de Fórmula 1 aconteceu em 13 de maio de 1950, no circuito de Silverstone, no Reino Unido. O vencedor desta corrida foi o italiano Giuseppe Farina, representando a equipe Alfa Romeo, considerada uma das maiores fabricantes de carros na época, ao lado de Ferrari, Maserati e Mercedes (HISTÓRIA da Fórmula 1: onde surgiu, termos usados e circuitos, 2023; Sabino, 2019). Estima-se que, nesse primeiro evento, o público total nas arquibancadas foi de 100 mil torcedores.

Como mencionado anteriormente, nas suas três primeiras temporadas, a Fórmula 1 foi realizada exclusivamente em países da Europa e nos Estados Unidos, com a corrida de Indianápolis. No ano de 1954, com o ingresso da Argentina no calendário da competição, a Fórmula 1 passou a ser reconhecida como uma competição mundial. Em 1958, quatro anos após sua primeira expansão, as corridas chegaram ao Marrocos, tornando-se o primeiro país africano na história a sediar a competição.

A década de 1960 ficou marcada como a “Era Britânica” da Fórmula 1, período em que surgiram grandes nomes do automobilismo britânico, como Jim Clark, Jackie Stewart, John Surtees e Graham Hill (Blog Porto Seguro). Esses quatro pilotos conquistaram um total de seis campeonatos entre os anos de 1961 e 1970. Além disso, durante essa década, a competição continuou sua expansão, chegando a doze corridas fora da Europa na temporada de 1967, realizadas em países como México, Estados Unidos, Canadá e África do Sul. O ano de 1968 representou um marco na história da Fórmula 1 com a vitória da fabricante americana Ford, sendo a primeira montadora de fora da Europa a vencer a competição. Entre os anos de 1968 e 1982, a montadora venceu 12 campeonatos dos 15 disputados.

Outro marco significativo na década de 1960 foi a introdução do aerofólio traseiro nos carros, representando um grande avanço técnico no automobilismo.

Segundo Martins (1981), os aerofólios foram pouco testados e acabaram causando alguns acidentes.

Nesse ano surgiu a Matra e uma novidade aerodinâmica: os aerofólios traseiros, uma asa que a Ferrari lançou e logo foi copiada pela maioria das equipes. Sua função era dar mais pressão aerodinâmica, mas como ainda era pouco testada causou alguns acidentes (Martins, 1981, p. 11)

Os anos de 1970 foram marcantes para a Fórmula 1, especialmente para os torcedores brasileiros. Foi nessa década, em 1972, que ocorreu a primeira corrida no país, em Interlagos, São Paulo. Nesse mesmo ano, o piloto brasileiro Emerson Fittipaldi tornou-se campeão da categoria pela montadora Lotus, repetindo a conquista em 1974, desta vez representando a equipe McLaren.

Com Emerson o Brasil entrava no circo para valer e a Fórmula 1 iniciava a transição entre o romantismo e a segurança. A morte de Rindt¹ serviu para os pilotos, liderados por Jackie Stewart, exigirem mais segurança nos carros e nos autódromos. A Fórmula 1 iniciava a década de 70 muito mais profissional” (Martins, 1981, p. 11).

Outros nomes do automobilismo surgiram nesta época, incluindo o austríaco Niki Lauda, campeão nos anos de 1975 e 1977, o inglês James Hunt, campeão em 1976, além de Gilles Villeneuve, Jody Scheckter, Alan Jones e Mario Andretti.

Em 1980, o Brasil começou a ganhar uma ênfase maior dentro da competição. Nelson Piquet foi campeão da categoria nos anos de 1981, 1983 e 1987, enquanto Ayrton Senna conquistou a vitória em 1988 e 1990. Além dos brasileiros, o piloto francês Alain Prost também ganhou visibilidade, sendo campeão nos anos de 1985, 1986 e 1989. Senna e Prost travaram uma disputa inesquecível para os amantes da Fórmula 1, sendo considerada uma das principais rivalidades dentro da categoria até os dias de hoje. Nelson Piquet também enfrentou uma disputa acirrada com o francês, e, de acordo com Martins (1981), para conseguir vencer o bicampeonato, Piquet teve que usar a “malandragem” e criar uma estratégia para enganar seu rival.

Em vez de partir com o tanque cheio e depois parar e reabastecer, Piquet inverteu a ordem. Saiu com pouca gasolina e abriu 35 segundos de Prost,

¹ Jochen Rindt sofreu o seu acidente na última volta de um treino livre. Seu carro virou para a direita e, em seguida, virou para a esquerda, sem chance de ser controlado pelo piloto austríaco. O acidente foi filmado pela TV apenas quando o carro já estava batido (Sabino, 2020).

que teria que parar, reabastecer e tirar a enorme diferença. O francês caiu na armadilha, forçou demais e o turbo não resistiu (Martins, 1981, p.16).

A década de 1990 permanece na memória dos fãs de automobilismo em geral, não apenas da Fórmula 1. Em 1º de maio de 1994, após um acidente gravíssimo no Grande Prêmio de San Marino, em Ímola, na Itália, o piloto Ayrton Senna veio a falecer. O brasileiro perdeu a vida após seu carro colidir violentamente com uma mureta, enquanto estava em alta velocidade. O ano de 1994 ficou conhecido também como o início da “Era Michael Schumacher”. O piloto alemão venceu pela montadora Benetton, marcando o início de um período vitorioso ao garantir os títulos de 1994 e 1995. Ele voltou a vencer em 2000, dessa vez defendendo a escuderia Ferrari. Segundo Martins (1981), “[...] ao mesmo tempo o mundo chorava a tragédia de Senna e reverenciava a explosão de Michael Schumacher” (p. 21).

Nos anos 2000, a competição começou a testemunhar a supremacia da Ferrari. Nessa era, dois pilotos brasileiros passaram a se destacar na categoria, Felipe Massa e Rubens Barrichello. Apesar disso, entre os anos de 2001 e 2004, Schumacher continuou sendo dono das vitórias dentro da competição.

O ano de 2013 ficou marcado por um trágico acidente envolvendo o piloto alemão Schumacher enquanto esquiava nos Alpes franceses, uma de suas paixões esportivas além da F1.

Em dezembro de 2013, o ex-piloto bateu a cabeça numa pedra e entrou em coma, apresentado quadro de traumatismo craniano grave. Quase seis meses depois, o staff de Schumacher informou que ele, enfim, havia saído do coma e que continuaria sua reabilitação em Lasusanne, na Suíça. (Duarte, 2019, n.p).

Após o acidente que comprometeu a mobilidade de Schumacher, a família passou a preservar a vida do ex-piloto, e desde então, não divulga qual é sua real situação. Apenas poucos amigos e familiares têm acesso às rotinas do sete vezes campeão da F1.

Outros grandes nomes surgiram nos anos 2000, como o espanhol Fernando Alonso, campeão em 2005 e 2006; Kimi Raikkonen, vencedor em 2007; Jenson Button, que conquistou a temporada em 2009; Lewis Hamilton, ganhador nos anos de 2008, 2014, 2015, 2017, 2018, 2019, 2020; e Sebastian Vettel, campeão nos anos de 2010 e 2013. Apenas no ano de 2016, o heptacampeão Lewis Hamilton não

terminou a competição em primeiro lugar. Nessa temporada, seu companheiro de equipe, Nico Rosberg, consagrou-se campeão, mantendo assim a supremacia de sua escuderia. Além disso, Hamilton quebrou diversos recordes, superando a marca de maior número de vitórias e de mais vezes largando na primeira posição, recordes anteriormente mantidos por Schumacher e Senna, respectivamente.

Ainda na Fórmula 1 desse século, outro piloto que se destacou nas pistas foi o holandês Max Verstappen. Além de rivalizar com outros competidores experientes nos autódromos, o jovem astro da Red Bull fez história ao tornar-se o campeão mundial mais jovem da categoria, com apenas 23 anos e três meses.

Quanto ao número de títulos conquistados, apenas Michael Schumacher e Lewis Hamilton conseguiram alcançar o título de heptacampeões, seguidos do piloto argentino Juan Manuel Fangio, com cinco títulos da competição, e por Alain Prost e Sebastian Vettel, que ocupam o terceiro lugar no ranking, com quatro títulos cada. Com três títulos conquistados, Ayrton Senna, Nelson Piquet, Niki Lauda, Jack Brabham e Jackie Stewart fecham esse ranking (Souza, 2023).

2.2 PILOTOS BRASILEIROS

Segundo Martins (1981), a saga dos pilotos brasileiros teve início com Chico Landi em 1951, quando, dentro de um veículo da Ferrari, participou do GP da Itália, na cidade de Monza. Por 14 anos, Landi foi o único piloto brasileiro a competir na Fórmula 1. Na temporada de 1970, o Brasil e o mundo conheceram o piloto Emerson Fittipaldi, que venceu sua primeira corrida após sua quarta participação no GP dos Estados Unidos. Entre Landi e Fittipaldi, outros brasileiros disputaram a competição, mas não tão conhecidos². Ainda na década de 70, outros pilotos surgiram na Fórmula 1, como Luiz Pereira Bueno, José Carlos Pace, Wilsinho Fittipaldi, Nelson Piquet, Ingo Hoffmann e Alex Dias Ribeiro.

Na década de 80, outros competidores reforçaram o time de pilotos nacionais, como: Chico Serra, Raul Boesel, Roberto Pupo Moreno e Maurício Gugelmin. Em 1984, o Brasil conheceu o seu maior ídolo dentro da competição: Ayrton Senna. A década de 90, por sua vez, foi marcada pela estreia de duas promessas brasileiras

² Dentre esses pilotos tem-se: Gino Bianco, em 1952; Fernando Silva Ramos, em 1956; e Fritz D'Orey, em 1959. Destes, apenas Ramos fez pontos na competição (RELEMBRE os pilotos brasileiros que já passaram pela F1 em 71 anos, 2022).

na competição: os pilotos Christian Fittipaldi e Rubens Barrichelo. Além deles, a equipe brasileira contou com a participação de Pedro Paulo Diniz, Ricardo Rossi, Tarso Marques e Ricardo Zonta. Por fim, nos anos 2000 foram apresentados outros nove pilotos brasileiros: Luciano Burti, Enrique Bernoldi, Cristiano da Matta, Antônio Pizzonia, Nelson Piquet Junior, Bruno Senna, Lucas Di Grassi, Felipe Nasr, e Felipe Massa - único que chegou perto de um título mundial (RELEMBRE os pilotos brasileiros que já passaram pela F1 em 71 anos, 2022).

2.3 FÓRMULA 1 NA TV BRASILEIRA

Em 13 de maio de 1950, a Fórmula 1 realizava sua primeira corrida, consolidando-se como a principal categoria do automobilismo. As transmissões ganhavam destaque mundial, e no Brasil não foi diferente. Em um contexto histórico, vale ressaltar que as primeiras transmissões televisivas aconteceram durante os anos de 1930. Naquela época, o acesso a essa tecnologia não era para todos e o rádio ainda se destacava como o meio de comunicação mais utilizado, também devido ao fato de o preço para aquisição da televisão ser bem mais alto do que o rádio.

A BBC, uma das principais emissoras do Reino Unido, foi a primeira a realizar uma transmissão de um programa na televisão (Peruch, 2022). No Brasil, as transmissões da Fórmula 1 começaram no ano de 1970, concomitantemente com a estreia do piloto brasileiro Emerson Fittipaldi. A programação foi feita pela Rede de Emissoras Independentes (REI)³, nas emissoras TV Record, de São Paulo, e TV Rio, do Rio de Janeiro (Santochi, 2021).

Dois anos após a primeira transmissão, em 1972, nenhuma emissora era 100% responsável por transmitir os GP's da Fórmula 1. Nesse cenário, a Tupi, de São Paulo, assumiu a liderança e incluiu em sua programação os Grandes Prêmios da Bélgica e de Mônaco da mesma temporada, transmitidas em conjunto com a Rede Globo, estabelecendo assim o início da relação entre a F1 e Rede Globo.

³Esta rede foi fundada em 14 de setembro de 1969, por Paulo Machado de Carvalho, na época, proprietário da Record. A programação era baseada em material produzido pela cabeça de rede, que era exibido ou transmitido por uma espécie de transmissão pré-satélite. As cabeças de rede eram a TV Rio (RJ) e Record (SP).

De acordo com Léo (2017), a primeira transmissão ao vivo e em cores para o torcedor brasileiro aconteceu na década de 70, no mesmo ano da Copa do Mundo. Já a transmissão do primeiro título conquistado por um piloto brasileiro na Fórmula 1 aconteceu em 1972 pela TV Record, quando Emerson Fittipaldi se consagrou campeão em Watkins Glen.

Ao longo dos anos, a Rede Globo começou a dedicar mais atenção à categoria automobilística, embora não mantivesse um contrato para transmitir todas as corridas. Na época, o narrador era Júlio Delamare, com os comentários de José Maria Ferreira. Em 11 de julho de 1973, o narrador faleceu em um acidente de avião, levando Luciano do Valle a assumir as narrações da competição na Rede Globo. Em 1978, Reginaldo Leme passou a ser o comentarista da competição (Santochi, 2021).

Quando os irmãos Fittipaldi trocaram de equipe, saindo da McLaren e ingressando na Copersucar, o Brasil ficou sem representantes nas principais equipes da competição. Diante disso, a Tupi transmitiu o GP da Áustria de 1976 para o público, enquanto a Bandeirantes assumiu a transmissão dos GPs dos Estados Unidos e do Canadá de 1978. Essas transmissões ocorreram com o consentimento da Globo, que abriu mão dessas corridas em sua programação televisiva (Santochi, 2021).

O auge das transmissões da Fórmula 1 no Brasil teve início em 1980, na Bandeirantes. Nesse ano, a emissora paulista incorporou toda a temporada da categoria em sua grade de programação, realizando transmissões ao vivo. Além disso, a TV Cultura também transmitiu o GP do Brasil. Na época, a narração estava a cargo do jornalista Galvão Bueno, os comentários eram feitos por Fernando Solera, e as reportagens por Álvaro José e Ana Aragão (Santochi, 2021).

Na virada da temporada, em 1981, a Rede Globo reassumiu os direitos de transmissão da Fórmula 1, motivada pela presença de um piloto brasileiro na competição. A emissora carioca acertou na decisão, tendo em vista que os dez anos subsequentes contaram com a participação de pilotos brasileiros competindo em alto nível. Até 1982, Luciano do Valle era responsável pelas narrações, sendo sucedido por Galvão Bueno, que se tornou o narrador oficial, ao lado de Reginaldo Leme. A partir de 1981, a Globo consolidou-se como uma figura dominante na F1, liderando em números de audiência, sem concorrentes diretos, com contratos e estratégias de marketing, inclusive aproveitando o grande nome da época, o piloto Ayrton Senna (Santochi, 2021).

Na virada do ano de 2016 para 2017, ocorreram mudanças significativas na Fórmula 1, com o grupo americano Liberty Media adquirindo o Grupo F1, detentor dos direitos comerciais do campeonato. Apostando em mudanças, a Liberty considerou a possibilidade de alterar o local do Grande Prêmio do Brasil. Inicialmente, os americanos sugeriram levar a corrida para o Rio de Janeiro, em parceria com a empresa Rio Motorsports, mas essa proposta não se concretizou. Como resultado, a Rede Globo voltou a entrar na discussão, e para manter o acordo com os cariocas, a Liberty solicitou valores elevados para seguir com a parceria (Santochi, 2021).

Diante dessa situação, a Fórmula 1 começou a explorar oportunidades com concorrentes da Rede Globo no Brasil, iniciando negociações com o SBT, a Record e a Band. Apesar das conversas, a competição retornou à sua “casa original”, o Grupo Bandeirantes. Vale ressaltar que, embora tenha recebido valores menores pelos direitos em comparação com o que recebia pela emissora carioca, a F1 obteve uma maior participação nas parcerias comerciais locais e lançou o seu próprio produto, a “F1 TV” (Santochi, 2021).

O primeiro contrato entre a Fórmula 1 e a Band foi firmado para as temporadas de 2021 e 2022. A estreia das transmissões dessa nova parceria ocorreu em 28 de março de 2021, durante o GP do Bahrein (Santochi, 2021). À medida que o contrato inicial estava prestes a ser encerrado, a emissora paulista optou por renovar o acordo⁴ por mais três anos, assegurando a transmissão da Fórmula 1 em sua programação até 2025⁵. Em um comunicado oficial do grupo de comunicação, foi confirmada a cobertura das corridas na TV aberta, incluindo as classificações, e no canal fechado BandSports, as sessões de treinos livres.

Segundo Milani (2022), na temporada de 2021, a emissora paulista alcançou uma média de 4,0 pontos, atingindo um pico de 5,3 pontos durante as transmissões

⁴ Após a renovação do contrato com a Band, a Fórmula 1 reconhece a importância da emissora como um elemento crucial para o crescimento do esporte no Brasil. “Desde que a F1 voltou à Band em 2021, a emissora tem sido um importante fator de crescimento do esporte no Brasil, com um grande investimento em produção de qualidade e amplo conteúdo na TV e em plataformas digitais”, destacou a categoria em comunicado divulgado pela emissora (BAND renova compromisso e transmite a Fórmula 1 no Brasil até 2025, 2022).

⁵ Para o Diretor de Esportes da Band, Denis Gavazzi, a Fórmula 1 é o principal produto esportivo da emissora. O diretor destacou que a parceria por mais tempo entre a categoria e a Band, se trata pelo bom trabalho feito durante as duas primeiras temporadas. “É importante ressaltar que a Band e a Fórmula 1 são parceiras no Brasil e sempre trabalharão juntas para o crescimento da categoria em nosso país”, destacou Gavazzi (BAND renova compromisso e transmite a Fórmula 1 no Brasil até 2025, 2022).

da Fórmula 1 em São Paulo. Já na temporada de 2022, a média no Grupo Bandeirantes durante as transmissões foi de 3,7 pontos, com um pico de 4,5 pontos. Ao comparar as duas temporadas no estado paulista, a diferença na audiência variou de 7,32% para 15,14%.

Realizando uma análise comparativa e considerando a primeira temporada da F1 na Band, no GP do Brasil, a emissora registrou uma média de 7 pontos, alcançando um pico de 8 pontos. Notoriamente, esse ponto de pico foi o mais elevado da temporada em São Paulo. Em 2022, a corrida disputada no Brasil também registrou sua maior audiência, com uma média de 5,6 pontos e um pico de 6,7 pontos (Milani, 2022).

O ano de 2021 foi marcado como uma das temporadas mais acirradas deste século. A disputa entre Lewis Hamilton e Max Verstappen manteve os telespectadores sintonizados até a última corrida. Na última volta, da última corrida da temporada, Verstappen ultrapassou Hamilton, tornando-se o campeão mundial. Com isso, a Band registrou, pela segunda vez, a liderança em audiência, tendo a primeira ocorrido no GP do Brasil. De acordo com informações divulgadas pela emissora, a média de audiência atingiu 5,8 pontos, enquanto, no mesmo horário, a Rede Globo registrou 5,5 pontos de média, e a Record e o SBT 3,9 e 3,5 pontos, respectivamente (Milani, 2022 (Capuano, 2021)).

Além da repercussão na TV e rádio do Grupo Bandeirantes, a F1 também conquistou grande visibilidade nas redes sociais. No Twitter, a competição apareceu diversas vezes entre os assuntos mais comentados da rede social. Além disso, até novembro de 2021, a categoria foi pesquisada no Google cerca de 3,8 milhões de vezes, representando três vezes a mais do que a temporada de 2020 (Capuano, 2021).

Assim como a Band, a detentora dos direitos de imagem, Liberty Media, considerou a parceria com o grupo como positiva não apenas para a F1, mas também para outras competições, como a Fórmula 2 e Fórmula 3⁶. Além das transmissões televisivas, a cobertura das corridas se estende à Rádio Band News FM, que inclui pré-transmissões para todo o território nacional.

⁶ A Fórmula 2 e 3 são consideradas categorias de formação. A F2 são carros com pneus mais largos, com potência maior, de 620 cavalos, atingindo 300 km/h e um pouco mais aproximado dos carros de F1. A F3, os seus motores chegam a 230km/h. O carro tem 240 cavalos e usam pneus mais estreitos (VOCÊ sabe as diferenças entre Fórmula 1, Fórmula 2 e Fórmula 3?, s.d.)

Além da corrida em si, as transmissões da Fórmula 1 na TV apresentam diversos elementos gráficos para facilitar a compreensão do público sobre o que está ocorrendo. Muitas vezes, as nomenclaturas da competição podem se tornar estranhas e difíceis de compreender apenas com a fala dos jornalistas e as comunicações nos rádios entre as equipes e os pilotos. A imagem proporciona aos telespectadores, não apenas da categoria, mas de qualquer esporte, a experiência de explorar locais desconhecidos. A F1 leva o seu público a diversos lugares ao redor do mundo, uma vez que a “imagem é uma representação do real. Ao transmiti-la, a televisão transforma o telespectador em testemunha. Conhecemos lugares onde nunca vamos pisar e o que pensam pessoas que jamais encontraremos” (Bistane e Bacellar, 2005, p. 84).

2.4 AUDIÊNCIA

Nesta pesquisa, estão sendo analisados os Grade Prêmios (GPs) referentes aos anos de 2019 e 2021, com o objetivo de compreender as estatísticas de audiência mundial da principal categoria do automobilismo. Em 2019, a F1 divulgou dados sobre a audiência, evidenciando um aumento significativo. Segundo as informações, o público acumulado de TV em todo o mundo alcançou 1.922 bilhões de telespectadores, sendo o maior desde a temporada de 2012 (FÓRMULA 1 cresce em TV e redes sociais pelo 3º ano seguido; Brasil segue entre os líderes de mercado, em 2020). No que diz respeito aos telespectadores únicos, os números permaneceram estáveis nos principais mercados de transmissão ao longo da temporada, com Alemanha, Brasil, China, Estados Unidos e Itália sendo os principais mercados. A prova da Itália foi a mais assistida na temporada de 2019, com 112 milhões de telespectadores, enquanto os GPs da Alemanha, do Brasil e de Mônaco atraíram mais de 100 milhões de fãs de automobilismo cada.

Em 2021, a Fórmula 1 divulgou os números de audiência na televisão global, registrando um aumento de 4%. Isso comprovou o interesse mundial pela categoria automobilística, especialmente acentuado pela intensificação da rivalidade entre os pilotos Verstappen e Hamilton (Smith, 2022).

Na abertura da temporada de 2021, foi registrada uma audiência de 84,5 milhões de telespectadores em todo o mundo. As três corridas que incluíram as

sprint races⁷ também apresentaram números expressivos de telespectadores: 79,5 milhões em Silverstone; 80,4 milhões em Monza; e um pouco mais de 82 milhões em São Paulo.

De acordo com a Fórmula 1, a temporada teve uma audiência cumulativa de 1,55 bilhão de espectadores na televisão mundial, com visualizadores únicos na casa dos 445 milhões (Reuters, 2022). Na última corrida da temporada, marcada pela histórica ultrapassagem do piloto holandês sobre o piloto britânico, foram registrados 108,7 milhões de telespectadores, representando um aumento de 29% em relação à audiência do GP de Yas Marina na temporada de 2020. O número de espectadores que assistiram pelo menos uma corrida da F1 na TV durante a temporada também experimentou um aumento, com 445 milhões em 2021, o que representou um crescimento de 3% em relação à temporada anterior. Destaca-se, ainda, que o maior contingente foi na China, com 70,8 milhões de espectadores únicos.

De acordo com dados do Inside Vídeo 2023, a televisão representa 44% do consumo de vídeo no Brasil. Em 2022, com os números mais recentes disponíveis, 196.403.922 pessoas assistiram a emissoras lineares no país. Além disso, a média de tempo que os brasileiros passam em frente à televisão é de aproximadamente 5 horas e 17 minutos, colocando o Brasil como o sexto maior consumidor de televisão, atrás apenas do Paraguai, Argentina, Uruguai, Panamá e Chile.

No Brasil, observou-se um aumento no número de assinaturas de plataformas *online*, com crescimento tanto na parcela de pessoas com apenas uma assinatura quanto na de indivíduos que possuem quatro ou mais assinaturas. Em 2021, 39% das pessoas eram assinantes, e esse número aumentou para 40% em 2022, de acordo com dados do Inside Vídeo (2023). Do total de assinantes, 56% dos optaram por dispositivos pagos que oferecem conteúdo sem anúncios em seus aplicativos. Atualmente, a assinatura da plataforma exclusiva da F1 TV PRO está disponível por R\$ 28,90 mensais ou R\$ 279,90 para a opção anual. Além disso, a plataforma oferece um plano alternativo, chamado “Acess”, por R\$ 15,90 mensais ou R\$ 142,90 anualmente. Embora esse plano não permita acompanhar as corridas ao vivo, disponibiliza comentários e melhores momentos.

⁷Sprint Races é uma corrida curta, no treinamento, com cerca de 100 km ou 30 minutos, sem a necessidade de pit-stop. Cada equipe da competição é livre para escolher qual pneu mandará para a pista (Andrade, s.d.).

A Fórmula 1 é um esporte consolidado que atrai a atenção global. Portanto, é natural que seja acompanhado e coberto pelo jornalismo esportivo. Nesse contexto, o segundo capítulo teórico desta pesquisa abordará esse tipo de jornalismo, destacando sua importância para a competição automobilística, explorando sua função essencial.

3 JORNALISMO ESPORTIVO

No âmbito de uma pesquisa que aborda o automobilismo, o jornalismo esportivo não pode ser deixado de lado. A cobertura esportiva desempenha um papel fundamental em qualquer esporte, seja ele reconhecido mundialmente ou não. Neste capítulo, se buscará compreender os elementos fundamentais do jornalismo esportivo, incluindo sua origem, onde teve início a cobertura esportiva, seu desenvolvimento no Brasil, sua presença na imprensa brasileira e a introdução do infotainment.

O jornalismo esportivo está presente na vida de muitas pessoas, independentemente de seu interesse direto em esportes. Mesmo em programas que, por exemplo, não tratam de esporte, muitas vezes há espaço direcionado ao esporte, seja para falar sobre algo que vai acontecer ou que aconteceu no dia anterior.

Essa área proporciona diversas possibilidades para o profissional que busca se destacar nesse campo. Barbeiro e Rangel (2006) promovem uma reflexão sobre o profissional que atua no jornalismo esportivo. De acordo com esses autores, antes de ser jornalista esportivo, o profissional é, primordialmente, um jornalista, e a sua essência permanece inalterada.

Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público (Barbeiro e Rangel, 2006, p. 13).

Embora possa parecer um assunto de fácil compreensão para quem escreve, noticia, publica, e realiza outras atividades jornalísticas, é importante considerar que o jornalismo esportivo demanda a explicação de informações e regras que muitos telespectadores podem não ter conhecimento.

Ao acompanhar as notícias de esportes, pode-se pensar que escrever sobre eles trata-se de um assunto mais fácil, menos complexo que política e economia, por exemplo. Talvez essa ideia venha do fato de o texto apresentar-se com uma rigidez menor, mais solto, menos "engessado" do que as demais editorias (Silveira, 2009, p. 8).

O jornalismo esportivo possui uma orientação mais voltada para o entretenimento e tem a liberdade de empregar uma linguagem mais informal,

proporcionando uma abordagem mais leve ao seu público. O esporte, antes de tudo, pode ser considerado um lazer para aqueles que o acompanham. Segundo Silveira (2009), a linguagem no jornalismo esportivo não segue uma escola definida ou regra estabelecida.

Para Barbeiro e Rangel (2006), em 1932, com o advento das transmissões esportivas no rádio, a linguagem utilizada era marcada pela emoção. Naquela época, os narradores gritavam para transmitir a intensidade dos gols, e essa tradição continua presente na narração de rádio até os dias atuais, caracterizando-se pela emoção, sendo os gritos de gol mais intensos do que na televisão.

Hoje, a linguagem jornalística esportiva está bem caracterizada de veículo para veículo. Algumas Tv's adotam o estilo jornalista-personagem, em que a função não é só passar informação, relatar o fato. É preciso "viver" aquela emoção para o telespectador (Barbeiro e Rangel, 2006, p. 55).

Segundo Silveira (2009), intencionalmente, as primeiras notícias do mundo do esporte vieram através do esporte Boxeo⁸, marcado por seus movimentos ágeis. Aron (2021), destaca que o *Bell's life in London*, em 1823, foi o primeiro jornal a publicar notícias esportivas. Em Paris, em 1828, nasceu o primeiro jornal esportivo, chamado *Journals des Haras*, e, em 1852, na Inglaterra, foi criado o primeiro diário esportivo, conhecido como o *Sportman*. (Silveira, 2009). Essa onda de jornalismo esportivo também chegou à Espanha, resultando na criação da revista *El Cazador*. Em 1895, um dos maiores feitos para este tipo de jornalismo foi a chegada das páginas esportivas do *The New York Journal*.

Com o sucesso do ingresso do jornalismo esportivo nos jornais, outros concorrentes começaram a ser obrigados a incluir em seus produtos uma seção dedicada ao esporte. Assim, em 1926, o *The New York Times* publicou a sua primeira página esportiva, apresentando colunas e uma imagem do boxeador Gene Tunney⁹ em um carro, recebendo homenagens de seus torcedores após uma vitória. Segundo Silveira (2009), o nascimento e o crescimento do jornalismo esportivo impulsionaram o início desse gênero nas mídias faladas. Na época, as rádios eram

⁸ "Boxeo" é tradicionalmente conhecido atualmente como apenas "Boxe". Seus primeiros registros são conhecidos 3.000 a.C., no Egito. (Brasil, 2016, [s.d.]).

⁹Lutador nascido em Nova York em 25 de maio de 1897. Após ir para Primeira Guerra Mundial, o novaiorquino venceu o campeonato dos meios pesados da Força Aérea Expedicionária. Ao voltar para os Estados Unidos, ele, enfim, começou a sua trajetória vitoriosa no Boxe (International Boxing Hall Of Fame, s.d).

proibidas de cobrir eventos diretamente do local onde estavam acontecendo. Logo após, a televisão também reconheceu o jornalismo esportivo como um ponto de audiência que poderia ser explorado.

3.1 JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

Segundo Coelho (2003), nos primeiros anos da cobertura esportiva no Brasil, época em que o remo era o esporte mais popular do país, não era considerado digno que um esporte ocupasse as primeiras páginas de um jornal conceituado, ainda que muitos clubes tenham tido origem no remo, como o Clube de Regatas Flamengo, o Clube de Regatas Vasco da Gama, o Botafogo de Futebol e Regatas.

Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? Não, não poderia, mesmo que movesse multidões às ruas em busca de emoções que a vida cotidiana não oferecia (Coelho, 2003, p 8).

Com isso, os jornais só começaram a dar a devida importância à cobertura esportiva nos anos 1910 (Coelho, 2023). Na época, o jornal *Fanfulla*, de São Paulo, contava com páginas esportivas, no entanto, não traçava opinião sobre os eventos. A partir de 1910, a cobertura passou a atingir cada vez mais um público específico dentro de São Paulo: os italianos, de onde surgiu o *Palestra Itália*, que mais tarde se tornaria o *Palmeiras*. O jornal *Fanfulla* apresentava, na época, as fichas de todos os jogos do clube, mesmo que não fosse considerado jornalismo esportivo. No entanto, sem essas informações, ninguém saberia quando aconteceram os primeiros jogos do *Palestra Itália* e nem mesmo de outros clubes. Segundo Coelho (2003), “tudo foi registrado. Tudo meio a contragosto. Porque nas redações do passado – e isso se verifica também nas de hoje em dia – havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte” (p.9). Atualmente, o jornalismo esportivo é uma das editorias mais importantes dos grandes veículos de comunicação.

No início do século XX, o Rio de Janeiro tornou-se um centro pulsante para o esporte, levando o Brasil na mesma direção. Os jornais do estado carioca começaram a dedicar mais espaço ao futebol e os jogos dos grandes times da época começaram a ganhar destaque, especialmente quando o *Vasco da Gama*

venceu a segunda divisão apostando em jogadores negros. Após esse feito, os portugueses construíram o estádio São Januário, e desde então, os cariocas não saíram mais das principais divisões do Campeonato Brasileiro (Coelho, 2003).

O ano de 1931 foi marcado por um momento significativo para o jornalismo esportivo brasileiro com o surgimento do “Jornal dos Sportts” no Rio de Janeiro. Segundo Coelho (2003), esse foi o primeiro diário exclusivamente dedicado aos esportes do Brasil. Em 1928, foi criada a Gazeta Esportiva, inicialmente um suplemento do jornal “A Gazeta”, que apenas em 1947 tornou-se um diário esportivo.

Com a era de Pelé, o Brasil conquistou diversos títulos mundiais no futebol, e assim, o esporte das quatro linhas tornou-se o carro-chefe de todas as empresas de jornalismo. Na década de 60, grandes cadernos de esporte começaram a dominar as grandes mídias impressas. Em São Paulo, por exemplo, nasceu o Caderno de Esportes, que mais tarde se transformou no Jornal da Tarde. No Rio de Janeiro, os principais jornais também começaram a lançar cadernos esportivos, inicialmente tratados como supérfluo.

Gastar papel com gols, cestas, cortadas e bandeiradas nunca foi prioridade. Nem no Brasil, dito país do futebol, que só teria revista esportiva com vida regular nos anos 1970. A Itália, por sua vez, lançava seu primeiro exemplar de revista dedicada exclusivamente aos esportes em 1927. A Argentina também. Países com muito mais vocação para o assunto, mesmo que esta fosse muito mais cultural do que esportiva (Coelho, 2003, p. 10).

Mesmo com o jornalismo esportivo ganhando mais destaque, em alguns jornais renomados, como o Correio Paulistano, o espaço destinado a matérias esportivas era restrito, com apenas uma coluna para assuntos relacionados ao futebol e duas colunas para o turfe¹⁰. Segundo Coelho (2003), o remo já estava perdendo espaço entre os amantes do esporte, e essa paixão estava sendo transferida para o futebol. Apesar da emergente “nova paixão brasileira”, os jornais ainda não dedicavam um espaço significativo para o esporte. O jornalismo esportivo ocupava o espaço que conseguia, onde era possível.

Em 1950, as crônicas e reportagens esportivas começaram a ganhar destaque nos jornais impressos. Quando abordavam esportes mais violentos, como lances fortes em partidas de futebol ou lutas, os textos podiam adquirir

¹⁰O turfe é conhecido popularmente como corrida de cavalos. O esporte é legalizado e fiscalizado, possuindo o objetivo de vencer o páreo (Turfe, s.d).

características próximas às de um romance. Ao longo da década de 1980 até o início dos anos 1990, a objetividade no jornalismo esportivo começou a ocupar um lugar maior, tornando as análises mais frias. Nos anos 1990, o jornalismo esportivo passou a incorporar uma preocupação adicional. Ao questionarem se o esporte deveria ser tratado como uma editoria isolada ou integrar-se à redação jornalística, Barbeiro e Rangel (2006) identificaram que “a resposta é que alguns veículos integram o esporte ao jornalismo, outros associam o evento esportivo à área técnica. Para alguns, o departamento de esporte continua isolado com suas verdades e regras próprias” (p 55).

Conforme destacado anteriormente, o jornalismo esportivo desempenha uma função na sociedade conhecida como “jornalismo de serviço”. Ao ouvir este termo, telespectadores, ouvintes e leitores podem imediatamente associá-lo ao jornalismo que informa sobre saúde, ciência, e assuntos do dia a dia. No entanto, o serviço dentro da cobertura esportiva muitas vezes passa despercebido pelo público. Em transmissões esportivas, especialmente nas coberturas de futebol, é o repórter que traz informações do lado de fora do evento. Mesmo se tratando de jornalismo esportivo, considerado mais leve pelo público, o jornalista que assume esse papel deve manter “a mesma qualidade, seriedade, exatidão e credibilidade de qualquer matéria. Não pode ser considerada reportagem de menor importância” (Barbeiro e Rangel, 2006, p. 60).

Outro tema em debate nos últimos anos no jornalismo esportivo é o “jornalista artista” ou “jornalista-personagem”. Apesar de o esporte proporcionar liberdade para o uso de uma linguagem mais descontraída, a prioridade ainda é a informação.

Um evento esportivo é lúdico e distrai as pessoas, é um lazer, um momento de descontração. Uma disputa esportiva é um espetáculo e o profissional divulga os acontecimentos, mas não participa deles. O trabalho como jornalista dá notoriedade, especialmente para profissionais que aparecem na tela (Barbeiro e Rangel, 2006, p 93).

Um dos outros recursos que o jornalismo esportivo permite é o improviso. Em transmissões esportivas, é comum ouvir comentários antes, no intervalo e no final das apresentações. Em uma transmissão ao vivo, o improviso se torna um ingrediente especial.

3.2 JORNALISMO ESPORTIVO NA TV BRASILEIRA

Em 12 de outubro de 1950, ocorreu o que é considerado a primeira transmissão de um jogo de futebol na televisão brasileira, envolvendo Palmeiras e São Paulo (Léo, 2017). Três meses após esse evento, em 20 de janeiro de 1951, o Rio de Janeiro testemunhou o estabelecimento de sua primeira emissora de televisão, a TV Tupi. Ainda no mesmo ano, as emissoras que transmitiam eventos esportivos começaram a ser submetidas a cobranças pelos direitos de transmissão.

O ano de 1952 presenciou um marco na televisão brasileira. Segundo Léo (2017), em 14 de março, foi fundada a TV Paulista, canal 5, atualmente conhecida como TV Globo. Com isso, mais uma emissora ingressou no cenário esportivo de transmissões, passando a competir diretamente com a TV Tupi. No ano seguinte, em 27 de setembro de 1953, a TV Record foi inaugurada, consolidando-se como mais uma concorrente nas transmissões esportivas, com foco especial no futebol. Em 17 de julho de 1955, o Rio de Janeiro testemunhou o surgimento de mais um emissora de televisão, a TV Rio, localizada em frente à praia de Copacabana.

Segundo Léo (2017), “a TV Record investia muito na programação esportiva” (p.33). No ano de 1956, a emissora realizou duas notáveis transmissões esportivas: A primeira ocorreu em um hipódromo na Cidade Jardim, onde foi disputado o 33º Grande Prêmio Cidade de São Paulo. Já a segunda transmissão, foi realizada diretamente do estádio Pacaembu, em uma partida entre Corinthians e Ypiranga, com o placar final de 3 x 5. Ainda nesse mesmo ano, em 26 de maio, registrou-se a primeira transmissão interestadual do Brasil, com a Record transmitindo ao vivo imagens do Rio de Janeiro para São Paulo.

Em 1959, surgiu a TV Piratini, a quarta emissora dos Diários Associados no Rio Grande do Sul (Léo, 2017). Outro grande marco para a televisão brasileira foi a criação da TV Bandeirantes em 13 de maio de 1967, introduzindo uma nova opção de cobertura esportiva para o público brasileiro.

Em 3 de junho de 1970, o jornalismo esportivo brasileiro alcançou um marco significativo com a transmissão ao vivo da Copa do Mundo, que ocorreu no México. Foi a primeira vez que o evento foi transmitido em tempo real, em preto e branco, para praticamente todo o país. A primeira partida transmitida na televisão brasileira foi entre México e União Soviética, terminando em empate 0 x 0. A segunda partida

foi entre Peru e Bulgária, com o placar final de 3 x 2 para o Peru. No entanto, a partida de maior interesse para os brasileiros ocorreu após esses dois jogos: Brasil 4 x 1 Tchecoslováquia, atualmente República Tcheca.

Em 1974, a televisão brasileira já havia adotado a transmissão em cores. Com a chegada da Copa do Mundo daquele ano, os brasileiros buscavam televisores equipados com esta tecnologia. Segundo Léo (2017), “em Manaus, houve uma intensa procura por aparelhos coloridos de 16 polegadas. Pela primeira vez, a capital amazonense acompanharia transmissões diretas de TV fora do país” (p.165).

Em 1978, o jornalismo esportivo começou a receber maior destaque nas coberturas esportivas, especialmente durante Copa do Mundo, que testemunhou o maior investimento até então para acompanhar o evento. Nesse ano, as emissoras de televisão estavam mais estruturadas, contando, por exemplo, com equipes presentes nos locais dos eventos. As competições anteriores serviram como um laboratório preparatório para o que estava por vir.

Segundo Léo (2017), “na história da TV brasileira, o ano de 1980 marca o fim da primeira emissora inaugurada no País” (p.196). No Rio de Janeiro, os funcionários da TV Tupi mobilizaram-se em uma vigília na tentativa de manter a emissora ativa, mas não foi o suficiente. A Rede Tupi encerrou suas transmissões após 30 anos de atividade, devido a significativos problemas financeiros.

Em 1980, a TV Bandeirantes iniciou uma reformulação em sua programação, especialmente aos domingos, com o desenvolvimento de um planejamento esportivo. Nesse momento, Galvão Bueno assumiu as funções de narrador e produtor-executivo na emissora. No mesmo ano, a Globo optou por não transmitir a Fórmula 1, abrindo caminho para que a Bandeirantes transmitisse algumas corridas. Inclusive, em alguns dos Grandes Prêmios, a emissora paulista realizou transmissões diretamente dos autódromos, como ocorreu na Argentina, Brasil e Canadá.

Em 1982, o jornalismo esportivo brasileiro testemunhou a ascensão da exclusividade nas transmissões dos eventos esportivos. Todos os jogos da Copa do Mundo foram transmitidos exclusivamente pela Rede Globo. Essa foi a primeira vez que uma emissora brasileira obteve todos os direitos de imagem de um Campeonato Mundial de seleções (Léo, 2017).

Em 1989, o piloto brasileiro Emerson Fittipaldi venceu as quinhentas milhas de Indianópolis. Como a Globo não transmitiu a corrida, a Bandeirantes aproveitou a oportunidade e exibiu o evento em seu canal, com a narração de Luciano do Valle.

Nos anos 1990, o cenário de cobertura das emissoras de televisão passou por mudanças devido ao lançamento de um pacote econômico, resultando em alterações nos orçamentos. Além disso, o jornalismo esportivo nas TVs estava predominantemente focado nas transmissões de jogos de futebol. Na Rede Globo, eram exibidos jogos da Seleção Brasileira, além do futebol nacional, enquanto na TV Cultura, de São Paulo, ocorriam transmissões de futebol internacional.

Com a chegada do ano de 1992, “as Redes Globo, Bandeirantes, SBT e Manchete entraram na cobertura dos Jogos Olímpicos de Barcelona” (Léo, 2017, p.268). O fuso horário favorável da Espanha permitiu que os eventos fossem transmitidos para o Brasil no horário da tarde, já que o país-sede estava cinco horas à frente do território brasileiro. Dessa forma, a olimpíada iniciava às 20h na Espanha e às 15h no Brasil.

Em 1995, o jornalismo esportivo na televisão brasileira recebeu mais um canal de grande repercussão, a ESPN Brasil, primeira emissora da Rede ESPN fora dos Estados Unidos (Leo, 2017). Com essa adição, a emissora passou a cobrir grandes eventos esportivos. Além da ESPN Brasil, canais fechados como Bandsports também marcaram presença na cobertura de eventos de grande porte.

3.3 INFOTENIMENTO

Nos últimos anos, o Infotenimento tem ganhado cada vez mais espaço no mundo da comunicação. Segundo Dejavite (2008), os jornais impressos passaram a veicular páginas mais leves e agradáveis aos seus leitores, proporcionando informações de maneira mais descontraída, conteúdo conhecido como Infotenimento. Embora a combinação entre informação e entretenimento não seja uma novidade, ela encontrou sua maior expressão nos dias atuais. Segundo Tavares (2013), “a informação, deixa de significar a representação simbólica dos fatos para se apresentar como um produto híbrido que se associa ora à publicidade ora ao entretenimento, ora ao consumo” (p.14).

Para Tavares (2013), o entretenimento não apenas se mostra como um imperativo na sociedade contemporânea, mas também integra um amplo conjunto

de conceitos na vida do cidadão. De acordo com Dejavite (2008), a informação e o entretenimento, anteriormente vistos como coisas diferentes e que não poderiam andar juntos, agora são apresentados simultaneamente dentro de um fato jornalístico.

Seu objetivo é proporcionar uma válvula de distração, de prazer e de diversão às pessoas, ora ajudando-as a uma ruptura com a vida real (por meio da evasão para uma realidade diferente da vivenciada rotineiramente), ora promovendo a formação intelectual. A ele cabe ainda diminuir as tensões que ameaçam os indivíduos a serem levados à doença ou à loucura, à liberação e à renovação de suas energias; além de fornecer segurança emocional ao promover o descanso e ocupar o tempo livre, isto é, aquele tempo fora do trabalho (Dejavite, 2008, p. 3).

Para Dejavite (2008), o entretenimento apresenta-se como um fator totalmente diferente de uma pauta jornalística, especialmente para um jornal diário impresso. A autora destaca que esse tipo de veículo de comunicação busca interagir e satisfazer as necessidades e os interesses de um leitor contemporâneo. O Infotimento, do ponto de vista do público, é percebido como algo que proporciona entretenimento, ou seja, matérias ou reportagens que informam e divertem simultaneamente. Tavares (2013) enfatiza que “é nesse contexto, em que a busca pelo prazer é uma constante do indivíduo, que o entretenimento começa a ganhar espaço no jornalismo” (p.13).

De acordo com Dejavite (2008), é um equívoco pensar que para atingir as classes A e B da população é necessário focar apenas em economia e política, pois essas classes também têm acesso a outras editorias de um jornal, como turismo, saúde e suplementos televisivos, por exemplo. O consumidor, independentemente da classe social e do tema da informação, exige ser informado de maneira mais leve, tranquila e fácil. A autora ainda acrescenta, “... informe, distraia e também lhe traga uma formação sobre o assunto publicado. Esse tipo de conteúdo tem sido denominado notícia light” (Dejavite, 2008, p.4). Se a informação repassada ao receptor não possuir essas características, não conseguirá atrair suficientemente o leitor, telespectador ou ouvinte.

Grosso modo, o jornalismo de INFOtimento é o espaço destinado às matérias que visam informar e entreter, como, por exemplo, os assuntos sobre estilo de vida, as fofocas e as notícias de interesse humano – os quais atraem, sim, o público. Esse termo sintetiza, de maneira clara e objetiva, a intenção editorial do papel de entreter no jornalismo, pois segue

seus princípios básicos ao mesmo tempo em que atende às necessidades de informação do receptor dos dias de hoje (Dejavite, 2008, p. 5).

A divisão entre jornalismo e entretenimento não era clara, e a sobreposição tornou-se praticamente inevitável ao longo do último século. Segundo Tavares (2013), esse tipo de jornalismo nunca esteve tão presente como nos dias atuais. Apesar disso, sua aceitação não é unânime. De acordo com o autor, o infotenimento vai contra os princípios do jornalismo clássico, especialmente por estar diretamente associado a tipos de notícias ou reportagens mais leves, de pouco impacto e relevância como as matérias de política, por exemplo. Além disso, uma de suas características é a leveza, em que não apenas o conteúdo, mas também a imagem, merece e ganha destaque (Tavares, 2013).

Nesse contexto, a tarefa de definir com precisão o significado de entreter e informar não é tão fácil como se imagina. Conforme destacado por Dejavite (2008), historicamente, sempre coube ao jornalismo o papel principal de informar ao público sobre o que realmente acontece no mundo e no cotidiano das pessoas. Por outro lado, o entretenimento era focado principalmente na ficção, buscando chamar a atenção e proporcionar diversão à audiência.

O entretenimento, por sua vez, forma um setor autônomo diante da demanda por oportunidades de lazer e ocupação do tempo livre. Ao longo do processo de industrialização, em um movimento que pode ser situado ao fim do século XX, ele se afasta da tríade para se tornar uma indústria propriamente dita (Oselame, 2012, p. 37).

Com a ascensão do Infotenimento, essa dinâmica mudou, introduzindo uma abordagem que combina informação e entretenimento. Uma reportagem pode informar e entreter simultaneamente, sem comprometer a sua credibilidade. Segundo Dejavite (2008), “no jornalismo de INFOtenimento uma mesma matéria pode muito bem informar, entretendo ou, então, entreter por meio da informação” (p. 5).

As matérias classificadas como jornalismo de Infotenimento têm o poder de satisfazer curiosidades, estimular aspirações, possibilitar a expressão de frustrações e emoções, e permitem ao público utilizar o mais alto nível da sua imaginação (Dejavite, 2008). Um dos exemplos utilizados pela autora em sua obra é o anúncio dos jogos da Loteria Federal. Durante a divulgação dos números sorteados, ela

incorpora o entretenimento ao apresentar um “animalzinho” que ria quando algum clube perdia a partida.

Para Dejavite (2008), um dos maiores receios dentro da comunidade acadêmica que estuda o jornalismo é que notícias mais leves se tornem mais importantes do que aquelas que demandam maior seriedade. Essa convergência entre informação e entretenimento, muitas vezes, não é bem aceita pelos profissionais de jornalismo. Outra questão discutida é sobre quais tipos de informações podem ser considerados Infotenimento. A autora afirma que isso depende da narrativa da matéria e dos conteúdos noticiados, sendo os assuntos mais abordados: comportamento, hobbies, esportes, moda, celebridades, gastronomia, casa e decoração, datas comemorativas, automóvel, entre outras categorias. Além disso, a autora destaca que conteúdos como publicidade, horóscopo, palavras cruzadas, quadrinhos, contos e poesias, apesar de terem a função de entreter, não são considerados informativos e, portanto, não se enquadram como Infotenimento (Dejavite, 2008).

Ao abordar o Infotenimento, surge a questão sobre o que são, então, “notícias sérias”. Segundo Dejavite (2008), as notícias consideradas sérias são aquelas que envolvem investigação, apuração, crítica ou transmissão de informações novas, tendo como uma das principais finalidades a reflexão. Entretanto, alguns conteúdos tidos como “sérios” podem também conter elementos de entretenimento. Um exemplo é a presença de charges em jornais, que muitas vezes oferecem uma perspectiva diferente sobre o que está na capa do jornal, apresentando um novo ponto de vista.

Além da discussão acerca do que constitui notícias sérias, outro debate aborda o possível declínio do jornalismo tradicional. É inevitável compreender a chegada do Infotenimento como “uma tendência da mídia contemporânea e que sempre deve ser considerado à luz das transformações culturais de nosso tempo, ou seja, da sociedade do espetáculo” (Oselame, 2012, p.78). O jornalismo de Infotenimento está em conformidade com os padrões jornalísticos, e sua maneira de apresentar as informações está alinhada com suas responsabilidades sociais e culturais (Dejavite, 2008).

Atualmente, a tecnologia está presente na grande maioria das residências. Os lares estão equipados com celulares, computadores e televisões, proporcionando ao público a escolha de onde deseja obter acesso às informações ou ao

entretenimento. Conforme observado por Dejavite (2008), devido a essa abundância de aparelhos tecnológicos, o público muitas vezes prefere permanecer em casa, evitando a saída em busca de diversas opções. Além disso, a internet destaca-se como um ambiente privilegiado para o entretenimento e o humor, e a cada ano esse espaço oferece novos e aprimorados recursos de publicação, edição e produção de conteúdo (Silva, 2013).

As facilidades da internet tornam a publicação quase imediata, sendo a maior parte do conteúdo restrita a pequenos grupos. A efemeridade é grande e seu público é ávido pelo novo. Porém, algumas publicações da internet fogem desse padrão e se tornam verdadeiros fenômenos, chamados de virais, pois têm uma multiplicação de acessos por meio de comentários, compartilhamentos e mesmo no tradicional boca a boca, de maneira muito veloz, como um vírus (Silva, 2013, p. 20)

Apesar de algumas publicações alcançarem enorme sucesso nas plataformas digitais, nem todas têm a mesma sorte. Segundo Silva (2013), “nem todas as produções da internet são recebidas de maneira tão festiva. Muitas são as reclamações de excessos, trazendo novamente à baila o tema dos limites do humor” (p.21). Os excessos de piadas, inclusive, levaram à criação de uma lei durante as eleições de 2010, que proibiu piadas envolvendo candidatos à presidência da república, provocando manifestações por parte dos profissionais que trabalhavam com humor na época. No entanto, em agosto daquele mesmo ano, o Superior Tribunal Federal (STF) suspendeu a decisão a pedido da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão.

Ainda hoje há tensões entre o humor exibido na mídia e alguns setores da sociedade, com reações tanto adversas quanto radicais, entre aqueles que se colocam a favor de um controle sobre o humor e aqueles que defendem a liberdade total das piadas (Silva, 2013, p. 22).

O humor está diretamente relacionado ao desenvolvimento dos meios de comunicação (Silva, 2013). Os elementos do humor funcionam como um atrativo para a audiência, sendo uma forma de expressão que, na visão do autor, representa o entretenimento.

A mensagem humorística, por esses meios, ampliava seu alcance, sendo compartilhada por vários leitores, ouvintes e espectadores, e também aumentava seus limites temporais, por meio dos registros escritos ou

gravados, e hoje em dia, compartilhados mundo afora pela Internet (Silva, 2013, p. 29).

O humor foi uma grande arma para denunciar os abusos durante a época da ditadura militar no Brasil. Programas como “Jornal O Pasquim”, na mídia impressa, o “Jornal de Vanguarda”, no rádio e os programas de televisão de Jô Soares e Chico Anysio, entre outros, foram poderosas ferramentas nesse contexto. O mesmo aconteceu em outros campos do entretenimento, como a cultura, música, arte, entre outras formas de expressões.

Segundo Silva (2013), com o crescimento do meio comunicacional e das concorrências, o jornal impresso começou a abrir espaço para o humor em suas páginas, e as charges e algumas crônicas humorísticas, geralmente com temas envolvendo a política, acabaram ganhando espaço. Após esse momento, surgiram revistas totalmente dedicadas ao humor, normalmente associadas ao tema político.

O humor na televisão pode ser classificado em categorias humorísticas. Uma delas é o “Show de Humor”, caracterizado pela participação de vários humoristas, criação de diversos personagens fixos e caracterizações baseadas em estereótipos enraizados no imaginário popular, como, por exemplo, o mendigo, o bêbado, os políticos corruptos, entre outros. Outra categoria do humor é o “Show de Humor autoral”, formato que compartilha algumas características do item acima, mas sendo o programa liderado por um grande profissional, com grande número de personagens, bordões e repetições de atuação. Além disso, esse tipo de humor busca uma maior aproximação com os eventos que acontecem na atualidade, incorporando um grau de crítica social e política, e até mesmo um caráter mais irônico em suas apresentações (Silva, 2013).

Sitcoms e comédia de costumes representam outra categoria, que tem por característica um conjunto de personagens fixos, geralmente centrados em uma família. Normalmente, esse tipo de humor busca contar uma história diferente em cada episódio, com o cenário tendo pouca variação, muitas vezes sendo gravado em um mesmo estúdio. Um dos maiores exemplos brasileiros dessa categoria de humor é o programa “A Grande Família”¹¹, da TV Globo (Silva, 2013). O autor também destaca outro tipo de Sitcom, que opera em um ritmo acelerado, com temas

¹¹ A Grande Família é uma série de TV, exibida pela TV Globo e ficou no ar entre 29 de março de 2001 e 11 de setembro de 2014. Retrata uma família de um subúrbio brasileiro. (“A Grande Família - 2a versão”, [s.d.], 2021).

mais gerais e não fixos. Nesse caso, o enfoque é mais centrado em um ou dois personagens, sendo os temas abordados mais universais, abordando situações que não dependem do local ou da época em que ocorrem.

Por fim, Silva (2013) destaca o “Novo humor dos anos 1980”, que emergiu com a presença da liberdade e da democracia no Brasil. O programa “TV Pirata” surgiu e foi transmitido pela TV Globo de 5 de abril de 1988 a 8 de dezembro de 1992. Esse programa incorporou influências do teatro, tendo o público jovem, que desejava cada vez mais novidades, contribuindo para o sucesso nacional desse estilo programa.

Um dos programas mais conhecidos pelo público em geral e que incorpora o infotimento é o Globo Esporte. O programa esportivo está no ar na Rede Globo desde 14 de agosto de 1978. Segundo Oselame (2012), o diário esportivo começou sendo apresentado como um programa de notícias esportivas, tendo como apresentador o jornalista Léo Batista, que adotava uma abordagem mais formal, mesmo sem utilizar uma tradicional bancada. Apesar do sucesso, o Globo Esporte passou por algumas mudanças significativas em sua história. Em 2001, houve uma alteração nos bastidores, com a mudança do diretor do programa, marcando também o início de transformações em seu formato, criatividade e leveza nas reportagens. Em 2008, o programa experimentou uma segunda mudança, impulsionada pelo seu aniversário de 30 anos, além de considerações relacionadas à sua audiência.

Para Oselame (2012), o novo formato do Globo Esporte passou a apresentar matérias mais longas, com cerca de até cinco minutos de duração, alterando também a abordagem da linguagem no jornalismo esportivo até então. Em 2011, o programa passou a ter edições regionais em outros estados, como Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Ceará, que passaram a contar com suas próprias versões do Globo Esporte. Antes, com pouco espaço na edição nacional, a versão regional apresentava ao seu público um programa esportivo com média de 23 minutos (Oselame, 2012).

Silva (2013) destaca que nos últimos 10 anos ainda existiam programas humorísticos na televisão com o tema de política. Programas de grande sucesso como CQC – Custe o que Custar, da Band TV, e o Programa Pânico - na Rede TV e Bandeirantes. Ambos abordavam de maneira humorística a questão da política e

enfrentavam diversos ataques de repreensão por seus quadros e reportagens na época.

O “Humor Noticioso” representa outra categoria que busca mesclar a linguagem e o formato jornalístico com entretenimento. Normalmente, os temas abordados nessa categoria são assuntos da atualidade, do momento, comentados nos grandes veículos de comunicação, especialmente temas políticos e sociais, tratados de maneira superficial. Silva (2013) encerra as categorias com o “Humor Jovem”, que mescla um programa de auditório, com enquetes e reportagens externas, buscando interagir de forma humorística e, por vezes até mesmo agressiva, com o mundo das celebridades. Muitos desses programas utilizam improvisações e paródias, a exemplo do programa Pânico, que surgiu na Rede TV em 2003. O humorístico teve seu início na Rádio Jovem Pan, fazendo esta mistura entre humor e jornalismo. Quando o programa foi adquirido pela Bandeirantes, não alterou seu formato em nenhum sentido e acrescentou outras características. Seguindo a mesma linha, o programa Legendários da Record TV, tentou criar um “humor do bem”, mas acabou adotando o mesmo formato e conteúdo do Pânico na Band. Como mencionado, o programa CQC conseguiu misturar informação com entretenimento, tornando-se conhecido pela sua irreverência, acidez e humor (Silva, 2013).

Seu formato um tanto artesanal e o arrojo no tratamento de temáticas sociais fazem jus ao seu nome-lema “Custe o que Custar”. Mesmo com essa pretensão, muitas vezes o CQC cai nos mesmos vícios presentes em outros programas humorísticos. Rende-se a fórmulas repetitivas que lhe garantam sucesso fácil e perde sua rebeldia e criatividade. (Silva, 2013, p. 41).

Outro ponto importante a ser destacado é que os programas de notícia, por exemplo, além de buscarem constantemente a audiência, também almejam a credibilidade. Por outro lado, programas de humor, embora busquem audiência, não necessariamente priorizam a credibilidade (Nascimento, 2010).

Após apresentar pontos importantes sobre o jornalismo esportivo e o infotenimento, a pesquisa concentrará sua análise do tema proposto. O próximo capítulo abordará as duas coberturas jornalísticas do GP de Interlagos, explorando o jornalismo esportivo, o infotenimento, além da Fórmula 1, e os principais pilotos brasileiros em um contexto histórico.

4 ANÁLISE DO PRÉ E PÓS NO GP DE INTERLAGOS ENTRE BAND E GLOBO

Após explorar dois capítulos que apresentaram contextos históricos, fatos e notícias considerados relevantes para a pesquisa deste tema, neste capítulo será apresentada a explicação do que o trabalho analisará para a conclusão desta monografia.

Inicialmente, será discutido, de maneira subjetiva, o que ocorre em cada fase, tanto pré quanto pós-corrída, das duas emissoras que serão objeto de estudo. Em um segundo momento, a pesquisa apresentará a metodologia que será empregada para examinar as diferenças e semelhanças entre as duas coberturas. Nessa seção, serão delineados os autores que orientarão a análise, as categorias que serão examinadas, justificando a escolha e destacando a importância para os resultados do trabalho. Na última seção deste capítulo será apresentada a parte mais importante desse trabalho: a análise do pré e pós-transmissão das TVs Globo e Bandeirantes. Como será citado no próximo subcapítulo, o conteúdo a ser explorado baseia-se em vídeos disponibilizados na internet.

4.1 OBJETO

A Fórmula 1 conquistou grande destaque no Brasil por meio de duas emissoras de televisão: a Rede Globo e o Grupo Bandeirantes. Diante desse cenário, o autor desta pesquisa visa compreender as principais alterações ocorridas nas fases pré e pós-corrída do GP de Interlagos, transmitido pela TV Globo em 2019 e pela TV Band em 2021. É importante destacar que a transmissão da corrida nas duas emissoras não apresenta grandes mudanças em termos de imagem, uma vez que estas são geradas pela própria Fórmula 1, não sendo as emissoras responsáveis por sua produção. Diante desse contexto, será analisado o que ocorre antes e depois da transmissão nos dois veículos de comunicação, buscando identificar eventuais diferenças e semelhanças nessas fases das coberturas. A pergunta central a ser respondida é: quais são as diferenças e semelhanças nas coberturas pré e pós-corrída nas duas emissoras?

Na Bandeirantes, a pré-transmissão começa abrindo a programação horas antes da corrida acontecer, por volta das 8h da manhã, como parte do Show do Esporte, programa esportivo dominical da emissora. Todo o pré-evento é conduzido

a partir de um estúdio localizado nas dependências do autódromo de Interlagos, oferecendo uma visão direta para a pista. Essa fase é dividida em quatro blocos, sendo apenas os dois últimos transmitidos para todo o Brasil. Durante a pré-transmissão, a Band dedica espaço para a cobertura de outra categoria de automobilismo, a Porsche Cup, e ao término do quarto bloco, a transmissão da corrida se estende para todo o país. Dessa forma, o tempo total da pré-transmissão é de 2 horas, 11 minutos e 21 segundos.

O pós-transmissão da Band possui uma duração mais reduzida, de aproximadamente 58 minutos e 36 segundos. Inicia-se apresentando os destaques da corrida, seguido por um breve debate entre os apresentadores e a equipe de transmissão. Durante o tempo no ar, o programa exhibe homenagens da torcida brasileira a Ayrton Senna, além de homenagens da torcida ao narrador da Band. A fase pós-transmissão também inclui uma reportagem especial com Lewis Hamilton, seguido de agradecimento aos patrocinadores, um último intervalo e a conclusão do programa.

Na Globo, o tempo de transmissão é mais curto em comparação com a Bandeirantes. A pré-transmissão da emissora carioca tem aproximadamente 10 minutos e 40 segundos, iniciando-se com o narrador Galvão Bueno chamando a única participação da reportagem. Em seguida, é exibida uma reportagem especial em homenagem ao piloto Senna. O pré-evento fornece ainda informações sobre as condições climáticas, agradecimentos aos patrocinadores, o grid de largada e segue para a corrida. O pós-transmissão tem a duração de 27 minutos e 30 segundos, começando com o *replay* da chegada e reproduzindo o áudio do rádio do piloto vencedor, com tradução dos comentaristas. Além disso, exhibe a formação do pódio, entrevista com alguns pilotos e a participação da reportagem. Após o encerramento da transmissão da corrida, a TV Globo abre espaço para o Campeonato Brasileiro e transfere o pós-corrída para o seu portal de esportes, o “ge.com”.

4.2 METODOLOGIA

A pesquisa sobre o antes e depois da Fórmula 1 foi conduzida utilizando a Análise de Conteúdo como metodologia. Segundo Bardin (1977), “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das

mensagens” (p.38). Para o autor, o foco não está apenas na descrição dos conteúdos, mas no que eles podem revelar quando analisados. A AC procura compreender o que está além das palavras, buscando outras realidades por meio das mensagens. De acordo com Bardin (1977), “a intenção da análise de conteúdo é a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (pg. 38). A AC não apenas oferece *insights* para profissionais da comunicação, mas também pode fornecer informações relevantes para diversas áreas profissionais.

A análise de conteúdo fornece informações suplementares ao leitor crítico de uma mensagem, seja esta linguística, psicológico, sociólogo, crítico literário, historiador, exegeta religioso ou leitor profano desejando distanciar-se da sua leitura <aderente>, para saber mais sobre esse texto (Bardin, 1977, p. 133).

Bardin (1977) destaca ainda que a análise de conteúdo é um eficaz instrumento de indução para investigar as causas a partir dos efeitos, embora o inverso também esteja dentro das capacidades do método. A autora ressalta que, por muitas vezes, a análise de conteúdo pode ser gratuita e desconcertante. A metodologia da análise de conteúdo é dividida em três importantes etapas: 1) a pré-análise, na qual se organiza o material que será analisado; 2) a exploração do conteúdo, onde ocorre a administração sistemática das decisões tomadas; e 3) o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, em que o pesquisador compreende os resultados brutos e os processa de modo a torná-los significativos e válidos.

A análise de conteúdo proposta pelo pesquisador inclui a comparação das coberturas pré e pós-corridas das emissoras Bandeirantes e Globo. Após uma observação atenta de cada transmissão, utilizando gravações disponíveis no Youtube e vídeos disponibilizados por uma página de corridas no Facebook, foram estabelecidos critérios específicos para análise. Esses critérios serão comparados ao final da análise para verificar se houve diferenças significativas entre as abordagens das duas emissoras.

Uma das primeiras categorias a ser analisada é o tempo dedicado à pré-corrída. A diferença entre as duas emissoras é notável, com a Bandeirantes apresentando um tempo total de pré-transmissão de 2 horas, 11 minutos e 21

segundos, enquanto a Globo possui um tempo mais curto, de aproximadamente 10 minutos e 39 segundos. A emissora paulista utiliza seu tempo mais extenso para abordar diversos conteúdos, abrindo também espaço para outras coberturas dentro da grade de programação. Por outro lado, a emissora carioca, com seu tempo mais enxuto, foca apenas na transmissão do GP de Interlagos.

A segunda categoria a ser analisada foca no formato e nas entrevistas apresentadas pelas duas emissoras na etapa pré-corrída. A análise se concentrará em compreender o número de vezes que a reportagem é apresentada durante essa etapa. Além disso, será examinado o conteúdo específico de cada reportagem, identificando a presença de reportagens especiais antes das corridas. O objetivo é destacar as semelhanças e diferenças nas abordagens das reportagens e compreender como cada emissora utiliza esse recurso na cobertura pré-corrída.

A terceira categoria a ser analisada abordará a equipe de transmissão. A equipe responsável pela narração, comentários e reportagens dentro da corrida atuava anteriormente na Rede Globo e na Fórmula 1 quando a emissora transmitia a competição. Além disso, profissionais dos bastidores, como produtores e diretores também acompanharam a mudança para a Bandeirantes. A última categoria analisada será a interatividade, considerando a importância das redes sociais na atualidade. Neste caso, são dois tipos diferentes de interação com o público por meio da internet. No caso da Globo, no momento da pré-transmissão, não há uma participação do público que está assistindo, mas ocorre uma transição da transmissão da TV para o portal na internet da emissora, o "ge.com". Já na Bandeirantes, há a participação da audiência durante a pré-corrída, na transmissão e no pós-corrída. Além disso, a emissora paulista apresenta algumas equipes da Fórmula 1 compartilhando alguns bordões do narrador da categoria.

Depois de apresentar todos os elementos presentes nas coberturas, o pesquisador irá efetivamente destacar as diferenças e semelhanças entre as duas emissoras. A análise dos pré e pós é justificada pelo fato de que na transmissão da corrida não há muita diferenciação, uma vez que, como mencionado anteriormente, as imagens não são geradas pelas emissoras.

4.3 EMISSORAS E SUA PROGRAMAÇÃO

As recentes alterações nos direitos de transmissão da Fórmula 1 têm suscitado o interesse dos fãs brasileiros da categoria. Era habitual que os entusiastas do automobilismo acordassem e sintonizassem na TV Globo aos domingos para assistir à competição, até que ocorreu a mudança e os direitos foram adquiridos pelo Grupo Bandeirantes. Os espectadores habituais ficaram intrigados sobre como a competição seria veiculada pela emissora paulista.

Como discutido na pesquisa, devido a questões contratuais, o produto central, que é a corrida, não foi passível de análise, uma vez que as emissoras não disponibilizaram esse conteúdo. Adicionalmente, é importante observar que as imagens transmitidas pelas emissoras não são produzidas por elas, mas sim pela própria categoria. Por outro lado, a transmissão em si não apresenta tantas diferenças em relação ao que ocorria antes e depois das emissoras em relação à corrida.

A Rede Globo, com sua extensa lista de competições esportivas, que incluem o Campeonato Brasileiro, a Libertadores da América, os campeonatos estaduais, a Fórmula 1 até 2020, e outros, possui uma sólida trajetória no jornalismo esportivo, amplamente reconhecida pelos telespectadores brasileiros. Mesmo após o término da transmissão da Fórmula 1 pela emissora, a programação esportiva continuou sendo sustentada por outros campeonatos. O “Brasileirão”, por exemplo, permanece sendo uma das competições esportivas mais transmitidas pela Rede Globo, seja por meio de seu canal aberto em todo o país, suas filiais regionais ou seus canais por assinatura, como o SporTv, que é dividido em três canais, e o Premiere, oferecendo uma variedade de canais à disposição. Adicionalmente, a emissora mantém o canal Combate, especializado em transmissões de lutas.

Por outro lado, a Bandeirantes estava em um processo de retomada em seu percurso no cenário esportivo. Nos últimos anos, o grupo paulista tem trabalhado na renegociação de acordos com outros campeonatos, visando reconquistar o título de “Canal do Esporte”, expressão cunhada pelo jornalista e narrador Luciano do Valle. O icônico narrador faleceu em 19 de abril de 2014, vítima de um ataque cardíaco, enquanto se dirigia para mais uma transmissão. A Band firmou contrato com o Brasileirão da Série B, a segunda divisão do Campeonato Brasileiro, a Liga Saudita,

onde Cristiano Ronaldo atualmente joga, e também com a Stock Car, entre outras competições esportivas.

Figura 1- Jornal da Band ressaltando os 54 anos da emissora e o slogan ‘Canal do Esporte’ criado pelo jornalista e narrador Luciano do Valle.



Fonte: Reprodução de vídeo/TV Bandeirantes.

A perda, pela Rede Globo, dos direitos de transmissão da Fórmula 1 não implicou na ausência de conteúdos esportivos na emissora. Conforme mencionado anteriormente, a emissora já contava com uma variedade de eventos em sua programação. A inclusão da categoria automobilística na Band resultou em um aumento do foco em assuntos esportivos, despertando grande interesse nos programas de debate e nos principais programas jornalísticos da emissora. O anúncio do contrato com a Fórmula 1 pela Bandeirantes foi feito durante um dos programas mais antigos e de grande audiência da emissora paulista, o “Brasil Urgente”, conduzido pelo jornalista José Luiz Datena. No dia do anúncio, participaram do programa Reginaldo Leme, contratado como comentarista da Fórmula 1, Glenda Kozlowski, apresentadora do “Show do Esporte”, e Cátia Fonseca, apresentadora do “Melhor da Tarde”.

Figura 2 - Band anunciando a Fórmula 1 no Brasil Urgente.



Fonte: Reprodução de vídeo/TV Bandeirantes.

Ao assumir os direitos, a emissora paulista fez questão de assegurar que todas as suas praças no país realizassem a divulgação de que a Bandeirantes passaria a exclusivamente as corridas da temporada em diante. Essa divulgação foi feita não apenas por meio de suas redes sociais, mas também por meio de cards, vídeos e inserções com seus apresentadores.

De fato, até o momento desta pesquisa, a Band tem proporcionado muito mais visibilidade à Fórmula 1 do que ocorria na Globo. A principal atração esportiva da emissora paulista tornou-se a categoria automobilística. Apesar de transmitir outros eventos esportivos, nenhum deles se compara, em termos de “alto nível”, ao que a F1 apresenta. Todos os outros produtos esportivos, como citado anteriormente, como o Brasileirão Série B, por exemplo, têm um alto nível de importância para o Grupo Bandeirantes. São relevantes e considerados importantes, mas, em termos de grandiosidade, nenhum deles se compara à maior competição automobilística mundial.

Quando os direitos de transmissão ainda estavam com a emissora carioca, o espaço concedido não era o mesmo. Nos dias anteriores à corrida, no Jornal Nacional, por exemplo, havia uma pequena inserção chamando o público para o treino classificatório no sábado e para a corrida no domingo. Além disso, eram exibidas chamadas dentro do programa esportivo “Globo Esporte”.

Figura 3 – Uma reportagem exibida sobre a torcida da Fórmula 1 no Jornal Nacional.



Fonte: Reprodução de vídeo/TV Globo.

Como já mencionado neste trabalho, a Globo não concedia o mesmo espaço que a Bandeirantes oferece nos dias de hoje. Essa diferença pode ser entendida ao analisar a grade de programação da emissora carioca. Ao contrário do grupo paulista, a televisão de Roberto Marinho oferece uma ampla variedade de conteúdo ao longo do dia, com outros produtos considerados prioridades, além da Fórmula 1. Isso inclui novelas, jogos de futebol nacionais e internacionais, telejornais, filmes, e muito mais em comparação com a Band. A Globo se destaca mais na área de entretenimento do que qualquer outra emissora no Brasil. Neste caso, suas novelas, por exemplo, são produzidas pela própria rede de televisão. Na Band, as novelas, normalmente, são previamente produzidas e apenas reproduzidas pela emissora carioca para seu público.

Na época em que ocorreu a transição da competição para a televisão paulista, as competições esportivas eram predominantemente apresentadas no canal pago da emissora, o Band Sports. Algumas transmissões eram realizadas no canal aberto, como a Liga dos Campeões, o Campeonato Alemão, a Fórmula Truck, o Campeonato Saudita, que também é transmitido na TV aberta, entre outros, mas o enfoque principal estava no canal por assinatura do Grupo Bandeirantes. Na TV

aberta, antes da chegada da Fórmula 1, a programação estava mais focada em programas de debate esportivo, como o “Jogo Aberto” e “Os Donos da Bola”, com versões nacionais e regionais. Dentro desses programas, eram apresentados boletins das demais competições.

Além disso, programas como o “Terceiro Tempo”, apresentado pelo jornalista Milton Neves, desempenhavam a função de um resumo semanal de esportes, sendo exibidos logo após as tradicionais rodadas de futebol que ocorriam aos domingos, às 16h. Entretanto, no ano de 2023, o programa esportivo foi interrompido para dar lugar à estreia do programa “Apito Final”, comandado pelo ex-jogador de futebol Neto. Entre os programas de debate da Bandeirantes, aquele que mais se dedica à cobertura da Fórmula 1 é o “Show do Esporte”, principalmente por ser veiculado no mesmo dia das corridas. Conforme será detalhado posteriormente, na cobertura da corrida de 2021, em São Paulo, o programa concentrou-se praticamente durante toda a corrida.

Na TV Globo, a oferta de programas esportivos era, em tese, escassa. Naquela época e ainda hoje, havia o “Globo Esporte”, um programa diário de esportes com foco principalmente no futebol, e o “Esporte Espetacular”, que abria espaço para outras modalidades esportivas e até mesmo para reportagens especiais. Quando a Fórmula 1 pertencia à emissora carioca, os treinos que não eram os principais, realizados aos sábados, eram transmitidos exclusivamente em um dos canais esportivos, o SporTV.

Como anteriormente apontado, a cobertura da categoria automobilística nas duas emissoras de televisão apresenta diferenças substanciais. Neste contexto, uma das discrepâncias significativas está relacionada ao aspecto temporal, tanto no período que antecede o evento quanto na sua sequência, visto que uma das programações é estruturada em horas, ao passo que a outra se pauta em minutos.

4.4 ANÁLISE

A partir deste ponto, adentramos a seção central deste trabalho: a análise das diferenças e semelhanças na competição quando ela migrou para o Grupo Bandeirantes. Esta seção inicia com uma série de informações examinadas na

programação de ambas as emissoras ao longo dos anos que abrangem o período desta pesquisa. Adicionalmente, serão incorporadas algumas imagens com o intuito de ilustrar e facilitar a compreensão visual de como as emissoras abordam seus conteúdos. Cabe destacar que todas as imagens foram obtidas a partir de vídeos disponibilizados pelas empresas no Youtube.

4.4.1 Tempo

A audiência que acompanhou a mudança da Fórmula 1 da TV Globo para a TV Bandeirantes percebeu uma significativa disparidade na cobertura do Grande Prêmio de Interlagos, em São Paulo, Brasil, em relação ao tempo. Dentro desse aspecto temporal, torna-se evidente a divergência e a quantidade de conteúdos produzidos para o intervalo determinado dentro da cobertura e da grade de programação de cada emissora.

Com o intuito de reestabelecer sua reputação em coberturas esportivas, a emissora paulista, a Bandeirantes, deu início à cobertura muito antes do habitual da rede Globo. Enquanto a cobertura da Band começou às 8h da manhã, a corrida só teve início às 14h do mesmo dia.

A Rede Globo adotou uma abordagem distinta e característica em comparação com outras coberturas esportivas da emissora. Sua programação sobre a corrida teve início minutos antes da largada no autódromo. Em termos precisos, conforme verificado em vídeos gravados, a emissora carioca destinou 10 minutos e 36 segundos de pré-corrída ao seu público, apresentando um programa conciso com informações mais importantes e diretas. No pré da TV Globo, não houve subdivisão em blocos; foi apenas um bloco, sem intervalos comerciais, com a apresentação dos patrocinadores conduzida pelo narrador da transmissão.

Como já mencionado na pesquisa, a Band adotou uma cobertura mais extensa durante o ano analisado pelo autor, em 2021. Em tempo total antes do início da corrida, a emissora paulista apresentou ao seu telespectador um programa com duração de 2 horas, 11 minutos e 21 segundos. Durante esse período, além dos intervalos, a Band também reservou espaço em sua cobertura para transmitir outra categoria automobilística, a Porsche Cup. Além de exibir o pódio, houve

intervenções relacionadas a essa prova adicional. A Band dividiu sua programação em quatro blocos, nos quais, além dos intervalos, os apresentadores do “Show do Esporte” inseriram alguns comerciais diretamente no programa, sem a necessidade de recorrer a intervalos comerciais convencionais.

Figura 4 – Tabela com os tempos de pré cobertura antes das corridas entre as duas emissoras

TEMPO BANDEIRANTES PRÉ - 2021	TEMPO GLOBO PRÉ - 2019
02:11:21	10:36

Fonte: TV Globo e TV Bandeirantes

No período pós-corrida, a diferença de tempo entre as duas emissoras ainda se faz evidente. Nesta fase da pós-transmissão, é novamente visível que a Bandeirantes reserva mais tempo para a cobertura da Fórmula 1. Enquanto a Globo, neste momento, direciona o espaço para a transmissão do Campeonato Brasileiro na TV aberta e transita para o “Globoesporte.com”, a Band continua a abordar a categoria automobilística. A mudança de tema só ocorre quando o programa muda após o pós-corrida.

Em termos temporais, como já mencionado, a Band segue em frente. Durante o pós-corrida, a emissora paulista dedica 58 minutos e 36 segundos. Dentro desse período, oferece ao seu público explicações sobre a tabela de classificação, debates, participações da reportagem, interatividade, entre outros. Por outro lado, a TV Globo reserva um tempo maior do que o apresentado no pré-corrida. Neste caso, é oferecido ao telespectador e ao usuário na internet um breve debate, os melhores momentos da corrida, o pódio entre os primeiros colocados na corrida, entre outros tópicos.

Figura 5 - Tabela com os tempos de pós cobertura depois das corridas entre as duas emissoras

TEMPO BANDEIRANTES PÓS - 2021	TEMPO GLOBO PÓS - 2019
58:36	27:30

Fonte: TV Globo e TV Bandeirantes

O resultado total e final surpreende ao evidenciar a considerável diferença que os veículos de comunicação conferiram à cobertura da categoria. Ao somamos o tempo dedicado à transmissão do GP de Interlagos, a diferença chega a ser de várias horas.

Figura 6 – Tabela com o tempo total da cobertura do GP de Interlagos

TEMPO TOTAL DE COBERTURA TV BAND - 2021	TEMPO TOTAL DE COBERTURA TV GLOBO - 2019
03h 09m 57s	38m e 06s

Fonte: TV Globo e TV Bandeirantes.

4.4.2 Reportagem

Dentro de uma cobertura extensa ou mesmo em uma cobertura pequena, a presença de reportagens contendo informações ou conteúdos especiais se torna essencial para a confiabilidade e a consistência do produto apresentado à audiência. Nos períodos pré e pós-corrída, é evidente a participação tanto de repórteres quanto de reportagens especiais. Os jornalistas designados para a função de repórteres tinham a responsabilidade de fornecer informações mais abrangentes sobre a corrida, o local e outras pautas.

As reportagens especiais eram apresentadas ao público por meio de matérias mais extensas, abordando histórias e, em alguns casos, prestando homenagens. Um dos pontos em que ambas as emissoras se alinharam nesse aspecto foi em relação ao piloto brasileiro Ayrton Senna. Devido à corrida ocorrer no Brasil, tanto a Globo quanto a Bandeirantes produziram reportagens especiais dedicadas ao piloto.

A TV Globo optou por uma reportagem mais simples, exibindo uma homenagem na qual o sobrinho do ex-piloto brasileiro conduz uma réplica do carro que Senna pilotava quando conquistou o campeonato. Na cena, o narrador Galvão Bueno narra a emoção e mostra o motorista carregando a bandeira do Brasil, enquanto a torcida reage efusivamente à réplica do carro percorrendo a pista de Interlagos.

Figura 7 – A imagem da reportagem que a TV Globo fez em homenagem a Ayrton Senna.



Fonte: Reprodução/TV Globo.

A Bandeirantes fez uma reportagem mais centrada no ano de 2021, quando se celebrava o 30º aniversário do tricampeonato mundial de Fórmula 1 de Ayrton Senna. Na reportagem, são abordados detalhes da disputa acirrada entre o piloto brasileiro e Mansell, seu principal rival durante aquela temporada. A reportagem inclui imagens da época e conta com a narração de Reginaldo Leme.

Figura 8 – A imagem da reportagem da TV Bandeirantes sobre Senna



Fonte: Reprodução/TV Bandeirantes

Além das reportagens especiais, a presença de uma equipe de reportagem é constante em ambas as coberturas. Na cobertura da TV Globo, apenas dois jornalistas foram designados para realizar o trabalho de reportagem. Apenas um deles aparece no pré-evento, trazendo informações diretamente da pista e conduzindo uma entrevista com dois dos competidores, enquanto as demais informações são fornecidas pelo próprio narrador e comentarista da transmissão.

Figura 9 - Presença da reportagem da TV Globo durante a pré transmissão do evento já dentro da pista de Interlagos.



Fonte: Reprodução de Vídeo/ TV Globo.

Na Bandeirantes, a presença da equipe de reportagem se torna bastante evidente durante a cobertura que antecede o Grande Prêmio. Durante a transmissão do “Show Esporte”, é possível observar a participação de sete repórteres ao longo da programação, fornecendo informações sobre diversos aspectos, como a corrida, o público dentro e fora do circuito, os ônibus que levam até o autódromo, os camarotes da emissora paulista e seus patrocinadores, entre outros. As intervenções desses profissionais são organizadas em uma sequência dentro da programação. A cada início de bloco, os apresentadores conduzem 'giro de reportagem', atualizando as informações de cada repórter designado, tornando assim o pré-evento mais dinâmico e informativo para o público que está assistindo.

Figura 10 - Participação da reportagem da TV Bandeirantes no pré-evento em uma estação de ônibus e de trem em São Paulo.



Fonte: Reprodução de vídeo/TV Bandeirantes.

Pode-se observar nas figuras 9 e 10 a presença de um maior número de repórteres na Bandeirantes em comparação com a TV Globo. Durante o pré-evento da Globo, apenas a repórter Mariana Becker é vista nessas condições. Enquanto na Bandeirantes, outros repórteres, como Yara Fantoni e o experiente jornalista Márcio Campos, estão presentes, como mencionado anteriormente.

Após a corrida, a TV Globo apresenta à sua audiência outro jornalista na função de repórter. Esse jornalista relata o que aconteceu após o Grande Prêmio, incluindo interações entre alguns pilotos, trazendo informações dos bastidores para a pós-cobertura

Figura 11 – O segundo repórter traz os bastidores do pós-evento na TV Globo.



Fonte: Reprodução de vídeo/TV Globo.

Assim como no pré-evento, o pós-evento da TV Bandeirantes não difere em termos de cobertura de reportagem. A emissora reservou espaço para a repórter Mariana Becker, diminuindo desta vez o alcance do 'giro de reportagem', mas mantendo a presença da experiente repórter nos bastidores e, posteriormente, no próprio estúdio de transmissão.

Figura 12 - A última participação da reportagem da cobertura da TV Bandeirantes.



Fonte: Reprodução de vídeo/TV Bandeirantes.

Com as aparições das equipes durante o pré-evento, a corrida e o pós-evento, é possível notar que alguns membros das equipes já estavam envolvidos na cobertura da Fórmula 1 antes da transição e do retorno para a TV Bandeirantes. Na próxima seção, será apresentada a equipes de transmissão das duas emissoras, destacando as mudanças, a forma como são apresentadas e a presença delas diante das câmeras.

4.4.3 Equipe de Transmissão

Com a chegada e o retorno da Fórmula 1 ao Grupo Bandeirantes, o público poderia esperar a contratação de novos profissionais para contribuir na abrangente cobertura que a emissora estava anunciando para as temporadas. Antes mesmo do anúncio oficial da inclusão da competição na grade de programação da emissora paulista, o comentarista Reginaldo Leme, que já fazia parte da equipe da Rede Globo envolvida na cobertura da competição, já havia sido contratado pela Band para realizar comentários e reportagens especiais para o grupo. Em 9 de dezembro de 2020, o jornalista foi anunciado oficialmente pelo grupo de comunicação.

Com a Fórmula 1 já confirmada, o público se perguntava quem seria o responsável pela narração da categoria na tela da Band. Após muita especulação nas redes sociais, a emissora foi em busca de um profissional com experiência na cobertura pela televisão carioca, a Rede Globo, e escolheu o jornalista e narrador Sérgio Mauricio, um dos principais narradores do grupo. O locutor estava encarregado das narrações no SporTV 3 e SporTv, um dos canais esportivos da Globo. Em 19 de fevereiro de 2021, a Band anunciou oficialmente a contratação do jornalista esportivo.

Além do narrador e do comentarista, a Bandeirantes ainda buscava uma repórter experiente em automobilismo. Para os brasileiros, não havia outra jornalista mais reconhecida na Fórmula 1 do que a gaúcha Mariana Becker, uma das principais figuras do jornalismo esportivo especializado em automobilismo. Após deixar o Grupo Globo em 2020, a repórter, muito conhecida entre os pilotos, foi anunciada em 10 de fevereiro de 2021. A Band também contratou da Rede Globo o produtor Jaime Brito. Fred Sabrino, editor de automobilismo, já fazia parte do Grupo Bandeirantes antes da chegada da Fórmula 1 à emissora. Também estavam presentes na cobertura Rubens Barrichello, Felipe Giaffone e Max Wilson. O ex-piloto brasileiro, Barrichello, atua como comentarista e repórter, especialmente para a corrida analisada. A equipe de transmissão da Band ficou então formada por: Sérgio Mauricio, Reginaldo Leme, Rubens Barrichello, Felipe Giaffone, Max Wilson, Mariana Becker, Elias Júnior e Glenda Kozlowski.

Figura 13 – A equipe de transmissão da TV Bandeirantes para a transmissão do GP de Interlagos em 2021.

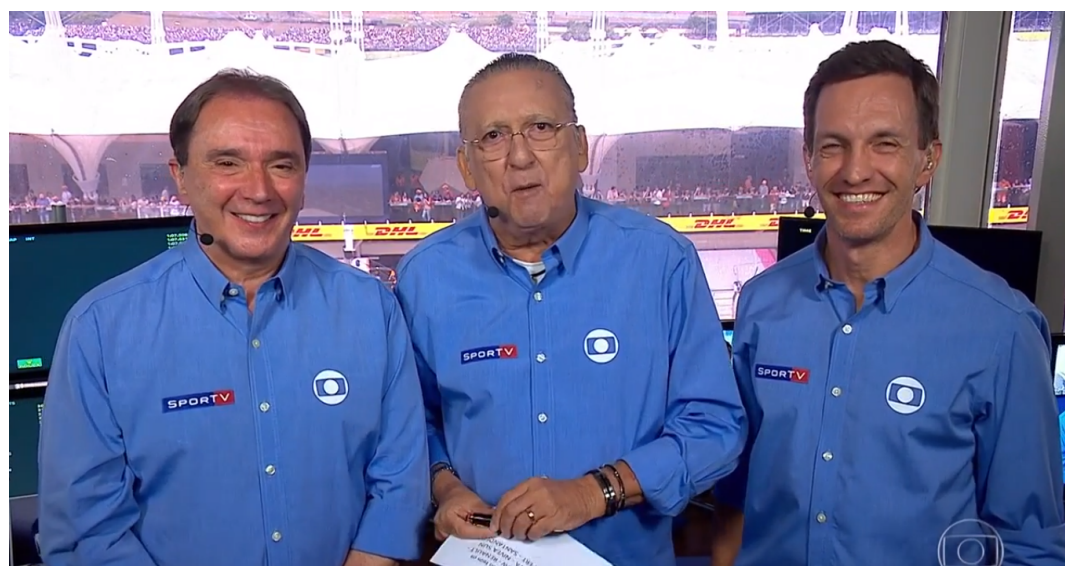


Fonte: Reprodução de vídeo/TV Bandeirantes.

A equipe de transmissão da Rede Globo era muito conhecida do público que acompanhava a Fórmula 1 na emissora carioca. O pré-evento era conduzido pelo próprio narrador da corrida, na época o jornalista e locutor Galvão Bueno, um dos principais nomes no alto escalão do jornalismo esportivo da Rede de Comunicação.

O comentarista das transmissões da categoria na TV Globo era Reginaldo Leme. O jornalista, que hoje trabalha na Band, fez parte da emissora carioca por mais de 40 anos, sendo um dos principais nomes do jornalismo esportivo dedicado ao automobilismo na Rede Globo. Além de Reginaldo, a cobertura ainda contava com outro comentarista e ex-piloto brasileiro, Luciano Burti.

Figura 14 – Equipe de pré e pós da TV Globo para GP de Interlagos de 2019.



Fonte: Reprodução de vídeo/TV Globo.

Como de costume, a equipe da Globo não dispõe de muita liberdade, em parte devido às restrições de tempo. Galvão Bueno chega até a fazer algumas brincadeiras com os comentaristas, mas logo encerra e prossegue com a programação do pré-corrida. Além disso, as únicas duas entrevistas realizadas durante a cobertura são gravadas pelos repórteres. Importante destacar que o pós-corrida ocorre majoritariamente no 'globoesporte.com', o portal de esporte da Rede Globo na internet. Isso ressalta um ponto relevante na cobertura das emissoras: a participação da internet e das redes sociais em ambas as transmissões.

4.4.4 Interatividade

Nos grandes programas televisivos atuais, a participação da audiência, conhecida como interatividade, é uma prática comum. As transmissões esportivas frequentemente incorporam a participação do público, incluindo opiniões, mensagens e enquetes. Além do acompanhamento dos responsáveis pela transmissão ao vivo, alguns programas são exibidos simultaneamente no YouTube, gerando mais engajamento e visualizações para o evento transmitido.

Durante a cobertura pré e pós-evento, as duas emissoras apresentaram abordagens diferentes para promover a interatividade. A Bandeirantes segue uma abordagem mais tradicional, buscando a participação direta de seu público, enquanto a Globo direciona sua audiência para outro canal na internet.

É importante ressaltar que as duas coberturas foram realizadas em anos distintos. Em 2019, quando foi reproduzida na TV Globo, o engajamento do público não era tão comum, e a participação direta da audiência dentro da cobertura não era uma prática convencional. Já em 2021, com o avanço da tecnologia e a população cada vez mais participativa em programas diversos, a cobertura da F1 não foi diferente e permitiu ainda mais a interatividade. Ainda é relevante destacar que a audiência vivenciou uma pandemia, o que levou as pessoas a se adaptarem e expressarem seus sentimentos de maneiras diferentes.

A Band, durante todo o período de pré-transmissão, exibe a *hashtag* na tela para que o público a utilize e marque a emissora. Apesar de o símbolo estar presente, os apresentadores não chamam muita atenção para ele durante a transmissão. No final, no pós-evento, um dos apresentadores destaca as redes sociais. Nesse momento, além da Fórmula 1 ser um dos assuntos mais comentados na internet, a equipe da Mercedes publica uma foto com um dos bordões de Sérgio Mauricio, o narrador da corrida pela Band.

Figura 15 – A presença da hashtag chamando o público para a interatividade.



Fonte: Reprodução de vídeo/TV Bandeirantes.

A Globo não apresenta nenhum elemento visual incentivando a interatividade durante a pré-transmissão do evento. O único formato que se torna visível é no pós-evento, direcionado a audiência para a continuação do pós no site da Rede Globo. Em relação à participação do público na cobertura da emissora carioca, no vídeo analisado, não há uma conexão aparente entre a equipe de transmissão e a interatividade. Durante todo o período, o foco está nas análises e debates sobre a

categoria automobilística, sem mencionar em nenhum momento a questão da interatividade.

Sendo assim, entre as duas coberturas em relação à interatividade, a Bandeirantes sobressai em comparação à Globo, oferecendo mais espaço e importância para a participação de seu público. A emissora carioca foca mais nos jornalistas responsáveis pela transmissão, dando a eles espaço para expressar suas ideias ao público sintonizado no Globo Esporte.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A monografia apresentada tem como principal objetivo apontar as semelhanças e diferenças entre as coberturas de dois Grandes Prêmios de Interlagos por duas emissoras distintas: Globo e Bandeirantes. É relevante ressaltar que a cobertura apresenta algumas divergências, mas, ao mesmo tempo, alguns pontos em comum.

Na análise, o autor desta pesquisa dividiu em três itens essenciais apresentados no antes e depois das duas emissoras. São eles: tempo, reportagem, equipe de transmissão e interatividade. Em todas as categorias citadas foram percebidas diferenças e semelhanças entre as duas emissoras de televisão aberta.

A primeira categoria analisada nesta pesquisa foi o tempo. Ao abordar esse aspecto, torna-se evidente que existe uma diferença expressiva ao se comparar a cobertura da Band e da Globo. A emissora paulista se destaca por realizar uma cobertura extensa, antecipando-se horas antes do Grande Prêmio. Nesse período, oferece uma ampla gama de conteúdos, informações e até mesmo apresenta outras competições, criando uma atmosfera envolvente para antecipar o principal evento do dia: o GP de Interlagos. Neste ponto específico, as emissoras se distanciam uma da outra e não apresentam uma semelhança evidente.

A reportagem das duas emissoras é um dos pontos que apresentou semelhanças em alguns aspectos. Como a corrida ocorreu no Brasil, era possível esperar alguma homenagem ao piloto brasileiro Ayrton Senna. Sendo assim, ambas as emissoras produziram uma reportagem especial, lembrando o esportista em memória. Além disso, as duas coberturas apresentaram entrevistas exclusivas com alguns pilotos da Fórmula 1. Reportagens trazendo informações diretamente do autódromo de Interlagos foram outro ponto em comum entre Band e Globo.

Apesar das semelhanças, existe um ponto de diferença no item de reportagem. A Bandeirantes inclui, dentro de sua programação, transmissões ao vivo tanto dentro da pista quanto fora dela, oferecendo um serviço para o público que ainda não havia se dirigido para as dependências de Interlagos. Essas entradas proporcionaram ao público informações como trânsito, ônibus, trens, condições climáticas, entre outros. Na Globo, as únicas entradas que ocorreram foram diretamente relacionadas às questões da corrida dentro da pista. Neste ponto analisado, existem semelhanças e diferenças propostas pelas duas emissoras.

A equipe de transmissão é um dos pontos semelhantes destacados na análise proposta pela monografia. É relevante ressaltar que alguns dos profissionais que já trabalhavam na Rede Globo, abordando o mesmo tema, a Fórmula 1, foram contratados pelo Grupo Bandeirantes para liderar as transmissões dentro dessa nova proposta na época. O narrador Sérgio Maurício, o comentarista Reginaldo Leme e a repórter Mariana Becker, por exemplo, foram três jornalistas que migraram da antiga emissora detentora dos direitos. O comentarista e a repórter já trabalhavam na TV aberta, TV Globo, mas o narrador fazia as corridas apenas no canal exclusivo de esportes da rede carioca, o SporTV. Mesmo tendo pontos semelhantes, a equipe ainda possui um ponto diferente. Em questão numérica, a Band apresenta mais profissionais envolvidos na cobertura do evento. Sendo assim, como citado acima, existem semelhanças e diferenças novamente entre ambas as coberturas.

A interatividade revela disparidades nos espaços proporcionados pelas emissoras para esse fim. A Band possibilita a participação ativa de sua audiência na transmissão por meio do Twitter, utilizando a hashtag exibida continuamente no período que antecede e sucede a cobertura. Por outro lado, a Globo faz somente menção durante a cobertura no pós-evento. Nesse momento, ocorre a transição da transmissão na TV aberta para o site da Rede Globo, o 'globoesporte.com'. Dessa

forma, ao analisar esse aspecto, torna-se evidente uma distinção significativa entre as duas emissoras. A diferença de datas entre o GP de 2019 na Globo e o da Band em 2021 é um fator a ser considerado, uma vez que a questão da interatividade não era tão proeminente, apesar de já existir há algum tempo.

Ao analisar a cobertura geral da Bandeirantes, é possível notar que os jornalistas têm um espaço maior para entradas longas e menos pressionadas pelo tempo da emissora. Durante as entradas ao vivo dos repórteres, por exemplo, os jornalistas não se limitam a fornecer a informação de maneira imediata; pelo contrário, estabelece-se um diálogo entre o profissional que está no comando da atração e o responsável pelas atualizações. Esse método confere uma maior leveza à cobertura do Grande Prêmio, destacando o imprevisto como peça-chave.

A cobertura geral da Globo, ao contrário da Band, apresenta um texto mais elaborado, com atenção ao tempo e interações, seguindo um cronograma já estabelecido pela emissora. O pré e pós-evento da emissora carioca são mais centrados em informações específicas do campeonato, assegurando que o foco permaneça exclusivamente no que está ocorrendo dentro da pista.

Além disso, um ponto que difere entre as duas emissoras é a exaltação da própria emissora: a Band, por ser a sua primeira transmissão do GP de Interlagos desde o retorno da Fórmula 1 à sua grade de programação, destacou a Band em todo o antes e depois do evento. A Globo, nesse caso, concentrou-se exclusivamente na corrida e em nenhum momento enfatizou a própria emissora pela transmissão.

A análise das duas coberturas antes e pós-evento, conforme os critérios mencionados dentro da monografia, possibilita ao autor fazer uma comparação entre os dois eventos e afirmar que, entre as duas transmissões do Grande Prêmio do Brasil analisadas, a da TV Bandeirantes é a mais diversificada, informativa e eficiente.

REFERÊNCIAS

- A HISTÓRIA da Fórmula 1: entenda como tudo começou. **Blog Porto Seguro**, s.l., out. 2023. Disponível em: <https://blog.portoseguro.com.br/a-historia-da-formula-1-entenda-como-tudo-comecou>. Acesso em: 20 ago. 2023.
- A HISTÓRIA do automobilismo e suas curiosidades. **Sid Special Store**. s.l. s/d. Disponível em: <https://sidspecialstore.com.br/historia-do-automobilismo/#:~:text=As%20corridas%20come%C3%A7aram%20a%20ser>. Acesso em: 13 set. 2023.
- ANDRADE, Castilho de. Sprint Race no Fórmula 1 GP De São Paulo. **F1 São Paulo**, São Paulo. s.d. Disponível em: <https://f1saopaulo.com.br/noticias/sprint-race-no-formula-1-gp-de-sao-paulo/>. Acesso em: 16 set. 2023.
- ARON, Paul; ROSIER, Laurence; COOKE, Ruadhán; THÉRENTY, Marie-Ève; GONZALEZ, Ruben Arnoldo. As escritas do jornalismo esportivo: Introdução. **Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 10–13, 2021. DOI: 10.25200/SLJ.v10.n2.2021.435. Disponível em: <https://revue.surlejournalisme.com/slj/article/view/435>. Acesso em: 3 set. 2023
- BAND renova compromisso e transmite a Fórmula 1 no Brasil até 2025. **Bandeirantes**, São Paulo, 14 jun. 2022. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/esportes/automobilismo/formula-1/noticias/band-acordo-transmissao-f1-brasil-2025-16517381>. Acesso em: 6 mai. 2023.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006, 188p.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.
- BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciano. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Editora Contexto, 2005, 146p.
- CAMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerai**, **Revista Interinstitucional de Psicologia**. Belo Horizonte, vol.6, n.2, p.179-191, jul. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 out. 2023.
- CAMPOS, Ciro. Entenda por que a Rede Globo não vai mais transmitir a Fórmula 1 a partir do ano que vem. **O Estadão**, São Paulo, 28 ago. 2020 Disponível em: <https://www.estadao.com.br/esportes/velocidade/entenda-por-que-a-rede-globo-nao-vai-mais-transmitir-a-formula-1-a-partir-do-ano-que-vem/>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- CAPUANO, Amanda. Band lidera audiência com final da F1 e cresce como ‘canal do esporte’. **Veja**, s.l. 13 dez. 2021. Tela Plana. Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/band-lidera-audiencia-com-final-da-f1-e-cre-sce-como-canal-do-esporte>. Acesso em: 3 set. 2023.

CARDOSO, Márcia R.G; OLIVEIRA, Guilherme S. de; GHELLI, Kelma G.M. Análise de Conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**. Vol.20, n.43, p. 98-111, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347>. Acesso em: 15 out. 2023.

CASTELLANO, Mayka; MEIMARIDIS, Melina. A “televisão do futuro”? Netflix, qualidade e neofilia no debate sobre TV. **MATRIZES**, São Paulo, vol.15, n.1, p.195-222, 2021. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v15i1p195-222. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/175844>. Acesso em: 30 set. 2023.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003, 120p.

DEJAVITE, Fabia Angélica. Infotainment nos impressos centenários brasileiros. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol.5, n.1, p. 37-48, 2008. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2008v5n1p37>

DOMINGUES, Viviane. **Turismo e automobilismo: efeitos da Fórmula 1 em São Paulo**, 174f. 2007. Tese (Doutorado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.27.2007.tde-05072009-213138. Acesso em: 6 mai. 2023

DUARTE, Orlando. **História dos esportes**. Senac, São Paulo. 2019, 584p.

FERNANDES, Alessandra Lemos. **Jornalismo: especialização e segmentação**. Editora InterSaberes, cidades. 2017, 192p.

FÓRMULA 1 cresce em TV e redes sociais pelo 3º ano seguido; Brasil segue entre líderes de mercado. **Globo Esporte**, s.l., 21 jan. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/formula-1-cresce-em-tv-e-redes-sociais-pelo-3-ano-seguido-brasil-segue-entre-lideres-de-mercado.ghtml>. Acesso em: 6 set. 2023.

FÓRMULA 1 volta a ser transmitida com exclusividade na Band após 41 anos. **Gazeta Esportiva**, São Paulo, 04 mar. 2021. Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/motor/formula-1/formula-1-volta-a-ser-transmitida-com-exclusividade-na-band-apos-41-anos/>. Acesso em: 6 mai. 2023.

GASPARINO, Henrique. **Estudo da Transmissão Esportiva na Televisão Brasileira**. 75f. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social – habilitação Jornalismo). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/119227/000803557.pdf?sequen>. Acesso em: 24 set. 2023.

GOMES, Rodrigo Rocha. **Narração Esportiva na Televisão: Precisão, Emoção e Informação**. 2015. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo)

– Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/9155/1/PROJETO%20FICIAL%20TCC%20NARRA%C3%87%C3%83O%20ESPORTIVA%20PRONTO.pdf>.

Acesso em: 6 mai. 2023.

GUIMARÃES, Evelyn. Audiência de TV da F1 supera 1,5 bilhão em 2021. Abu Dhabi bate 100 mi de espectadores. **Grande Prêmio**, Curitiba. 17 fev. 2022. Caderno Fórmula 1. Disponível em:

<https://www.grandepremio.com.br/f1/noticias/audiencia-de-tv-da-f1-supera-15-bilhao-em-2021-abu-dhabi-bate-100-mi-de-espectadores/>. Acesso em: 5 set. 2023.

GURGEL, Anderson. Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos. **Motrivivência**, Florianópolis, n.32-33, p.193–210, 2010. DOI:

10.5007/2175-8042.2009n32-33p193. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2009n32-33p193>. Acesso em: 5 set. 2023.

HISTÓRIA da Fórmula 1: onde surgiu, termos usados e circuitos. **Esportelândia**, s.l. 31 mar. 2023. Caderno Automobilismo Disponível em:

<https://www.esportelandia.com.br/automobilismo/historia-da-formula-1/>. Acesso em:

20 ago. 2023.

INSIDE Video 2023. **Kantar Ibope Media**. s.l. s.d. Disponível em:

https://26080127.fs1.hubspotusercontent-eu1.net/hubfs/26080127/KIM23_insidevideo_report_Digital.pdf. Acesso em: 16 set. 2023.

INTERNATIONAL BOXING HALL OF FAME. **Gene Tunney**. Canastota, New York. Disponível em: <http://www.ibhof.com/pages/about/inductees/oldtimer/tunney.html>.

Acesso em: 18 set. 2023

LÉO, Alberto. **História do Jornalismo esportivo na tv brasileira**. Rio de Janeiro, Ed. Maquinária. 2017, 286p.

MARTINS, Lemyr. **Os arquivos da fórmula 1**. Panda Books, São Paulo. 1999.352p.

MELO, Victor Andrade. Antes de Fittipaldi, Piquet e Senna: o automobilismo no Brasil (1908-1954). **Motriz Revista de Educação Física**. UNESP, São Paulo. vol.15, n.1, 2009, p.104–115, 17 fev. 2009. DOI: <https://doi.org/10.5016/2116>. Disponível

em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2116>.

Acesso em: 5 set. 2023.

MENDES, Germana Plácido de Carvalho. A polêmica combinação de jornalismo com entretenimento. **Observatório da Imprensa**. Ed. 872, 15 out. 2015. Disponível em:

<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/a-polemica-combinacao-de-jornalismo-com-entretenimento/>. Acesso em: 30 set. 2023.

MILANI, Sérgio. F1 2022 e a audiência na Band: menos é mais. **Terra**, s.l., 23 dez. 2022. Disponível em:

<https://www.terra.com.br/esportes/automobilismo/formula1/f1-2022-e-a-audiencia-na->

band-menos-e-mais.862b123414f240528c968fd5d7fe4f836c0cb3gd.html. Acesso em: 3 set. 2023.

NASCIMENTO, Vanderson de Souza. **Entretenalismo: quando o humor se torna notícia**. O caso Gato Fedorento – Esmiúça os Sufrágios nas Eleições Legislativas de 2009. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Jornalismo). Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010. Disponível em: https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/18153/1/TESE_ENTRETENALISMO_FINAL.pdf. Acesso em: 9 out. 2023

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. Ed. Contexto, São Paulo. 2004, 128p.

OLIVEIRA, Flávio Bandeira de. A Fórmula 1 como Fenômeno Midiático Esportivo Análise Sobre O Canal Sky Sports F1. **Fólio - Revista Científica Digital - Jornalismo, Publicidade e Turismo**, vol. 6, n.1, p.49–62, jun. 2020. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ipa/index.php/folio/article/view/981/826>. Acesso em: 10 out. 2023

OSELAME, Mariana Corsetti. **Fim da notícia: o “engraçadíssimo” no campo do jornalismo esportivo da televisão**. 2012. 153f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PADEIRO, Carlos Henrique de Souza. **O predomínio do entretenimento no jornalismo esportivo brasileiro**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudo dos Meios e da Produção Mediática) Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.27.2015.tde-17112015-092450.

PERUCH, Thiago. História da Televisão. **Espaço do Conhecimento UFMG**. Belo Horizonte, 18 jan. 2022. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/historia-da-televisao/#:~:text=As%20primeiras%20transmiss%C3%B5es%20surtem%20ao>. Acesso em: 26 ago. 2023

PRIMEIRA corrida da história da F1 foi disputada há exatos 70 anos, em Silverstone; relembre. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro. 13 mai. 2020. Caderno Fórmula 1. Disponível em: <https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/primeira-corrida-da-historia-da-f1-foi-disputada-ha-exatos-70-anos-em-silverstone-relembre.ghtml>. Acesso em: 6 mai. 2023.

RELEMBRE os pilotos brasileiros que já passaram pela F1 em 71 anos. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro. 7 mar. 2022. Caderno Fórmula 1. Disponível em: <https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/2022/03/07/relembre-os-pilotos-brasileiros-que-ja-passaram-pela-f1-em-71-anos.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2023.

REUTERS. F1 registra audiência de TV de mais de 1,5 bilhão na temporada 2021. **Exame**. s.l. 17 fev. 2022. Disponível em: <https://exame.com/casual/f1-registra-audiencia-de-tv-de-mais-de-15-bilhao-na-temporada-2021/>. Acesso em: 4 set. 2023.

SANTOCHI, Lucas. Tupi, Record, Band, Globo... A história da F1 na TV brasileira. **Projeto Motor**, 10 fev. 2021, s.l. Disponível em: <https://projetomotor.com.br/tupi-record-band-globo-f1-tv-brasil/>. Acesso em: 26 ago. 2023.

SHUEN, Cristina Silva Sousa Li-Chang. **Cobertura esportiva na televisão: jornalismo ou entretenimento?**. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3427>. Acesso em: 1 out. 2023.

SILVA, Camile Luciane da; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Comunicação televisiva: reflexões e considerações sobre o telejornalismo esportivo. **Razón y Palabra**. Cidade do México, n. 69, 2009.

SILVA, Fernando; MARTINS, Victor. Band aproveita desistência da Globo e fecha acordo para transmissão da F1 por dois anos. **Grande Prêmio**, 5 fev. 2021. Caderno Fórmula 1. Disponível em: <https://www.grandepremio.com.br/f1/noticias/band-aproveita-desistencia-da-globo-e-fecha-acordo-para-transmissao-da-f1-por-dois-anos/>. Acesso em: 6 mai. 2023.

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores**, v. 5, n. 10, p. 18, 19 dez. 2011.

SILVA, Rogério Pereira da. **CQC: Informação e Entretenimento no Humor Midiatizado**. 2013. 124f. Dissertação (Mestrado em Processos Comunicacionais), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/665>. Acesso em: 30 set. 2023.

SILVA, Silvaldo Pereira da. et. al. **Vozes Silenciadas: mídia e protestos: a cobertura das manifestações de junho de 2013 nos jornais O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo**. Ed. Intervezes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, São Paulo. 2014. Disponível em: <https://portolivre.fiocruz.br/vozes-silenciadas-m%C3%ADdia-e-protestos-cobertura-das-manifesta%C3%A7%C3%B5es-de-junho-de-2013-nos-jornais-o>. Acesso em: 26 ago. 2023.

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas**. 2009. 92f. Monografia (Bacharelado em Jornalismo), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/22683>. Acesso em: 5 set. 2023.

SMITH, Luke. F1 tem aumento na audiência global de TV em 2021; veja os números. **UOL**. 17 fev. 2022. Caderno Motorsport. Disponível em: <https://motorsport.uol.com.br/f1/news/f1-tem-alta-na-audiencia-global-de-televisao-e-m-2021-veja-os-numeros/8259894/>. Acesso em: 4 set. 2023.

SOUZA, João Victor Moretti de. **Entretenimento versus Informação: a disputa por espaço no jornalismo esportivo brasileiro**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação em Jornalismo Esportivo) Faculdade de Tecnologia e

Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília, 2014. Disponível em:

<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/8078/2/51303770.pdf>. Acesso em: 1 out. 2023

TURFE. **Grupo Multidisciplinar de Pesquisa, Ensino e Extensão**. Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, s.d. Disponível em:

<http://www.gege.agrarias.ufpr.br/grupeequi/esportes/turfe.html>. Acesso em: 16 mar. 2022.

VOCÊ sabe as diferenças entre Fórmula 1, Fórmula 2 e Fórmula 3? **Blog Youse**, s.l., s.d. Disponível em:

<https://www.youse.com.br/blog/automobilismo/voce-sabe-as-diferencas-entre-formula-1-formula-2-e-formula-3>. Acesso em: 16 set. 2023.

WANDSCHEER, Lisiane. **Análise da cobertura jornalística do crime organizado nos jornais Folha de São Paulo e O Globo com base no jornalismo para a paz**. 2008. 161 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação e Educação Continuada
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br